

EXPORTAÇÕES E INDÚSTRIA NO RIO GRANDE DO SUL: 1930-74

IE-00001671-8

Pedro Fernando Cunha de Almeida*

Este trabalho resultou da análise dos dados das exportações do Rio Grande do Sul para outros estados da Federação e para o Exterior no período de 1930 a 1974. Seu objetivo foi o de verificar empiricamente algumas hipóteses acerca da evolução das exportações gaúchas no período, bem como a respeito de outras relativas à importância das mesmas para o desenvolvimento industrial no Rio Grande do Sul. As hipóteses aludidas integram, junto com outras, o referencial de análise da pesquisa **A Dinâmica de Expansão da Indústria no Rio Grande do Sul: 1930-75**, atualmente em elaboração no Núcleo de Estudos de História Econômica, Social e Política da FEE.

Algumas observações, com os objetivos de explicitar o contexto mais geral da discussão e de tornar mais claro o sentido das hipóteses em questão, se fazem necessárias. A observação inicial refere-se ao vínculo estabelecido neste trabalho entre as exportações gaúchas e o desenvolvimento industrial do Rio Grande do Sul. Tal vínculo, obviamente, determina uma relação causal entre as exportações e o desenvolvimento industrial gaúcho, o que não é, na verdade, nenhuma novidade na literatura a respeito do assunto. Contudo deve-se deixar claro que as exportações não são vistas neste trabalho como determinantes últimos do desenvolvimento do Setor Secundário sul-rio-grandense. Se as exportações do Rio Grande do Sul se caracterizaram por uma dimensão e um crescimento tais que foram capazes de induzir a indústria gaúcha ao crescimento e à diversificação, é porque haviam mercados potencialmente absorvíveis. Não obstante, esses mercados, por sua vez, são fruto do desenvolvimento capitalista nas regiões para as quais se destina a exportação. Assim, o vínculo que verdadeiramente se objetiva examinar é aquele existente entre o desenvolvimento capitalista em outras áreas e as possibilidades de crescimento industrial local que tal desenvolvimento oferece. Dessa forma, com o exame das exportações gaúchas para outras áreas, quer-se verificar a existência de estímulos para a indústria do Rio Grande do Sul advindos do desenvolvimento

* Economista da FEE.

O autor agradece a Luiz Roberto Pecoits Targa, por seus comentários e sugestões. Agradece também a Renato Dalmazzo, que contribuiu com informações sobre as fontes de dados e que colocou à disposição tabulações suas de dados dispersos relativas ao período anterior a 1930. Os trabalhos de tabulação estiveram a cargo de Alessandra Idiart Martins.

capitalista nessas outras áreas. No caso do exame da evolução das vendas para outros estados da Federação, busca-se captar os estímulos oriundos do desenvolvimento capitalista no Brasil, que, a partir dos anos 30, tomou a forma da industrialização¹. Assim, neste caso, o vínculo que se estabelece envolve a cadeia de relações entre a industrialização brasileira, o crescimento e a diversificação dos mercados dela decorrentes, as exportações gaúchas e o desenvolvimento industrial no Rio Grande do Sul.

A segunda observação diz respeito ao entendimento de que os mercados para as exportações não são os determinantes únicos do desenvolvimento industrial no Rio Grande do Sul. Esse desenvolvimento tem forma que não se pode explicar adequadamente se não levando em consideração também outros fatores. Dentre eles podem-se citar primeiramente as características da formação social gaúcha, as quais estabelecem limites e potencialidades definidas para a expansão capitalista industrial da região. Nesse sentido, o montante dos capitais aqui existentes, bem como a sua distribuição entre os muitos capitalistas tomados individualmente, a força de trabalho, seu volume e suas características, a distribuição de rendas, a infra-estrutura social básica, etc. são elementos que, sendo específicos para o Rio Grande do Sul, determinam possibilidades particulares de desenvolvimento capitalista industrial. Também não é possível entender o desenvolvimento da indústria do Rio Grande do Sul sem absorver a influência da ação estatal e a do capital externo, que no Brasil assumiram papéis fundamentais.

A terceira observação feita no sentido de tornar mais claro o significado das hipóteses examinadas neste trabalho objetiva evitar importante ambigüidade existente no termo "exportações do Rio Grande do Sul". Essa ambigüidade pode ser percebida desde que se tenha presente que a expressão exportações diz respeito às vendas realizadas para fora de uma economia. Com tal idéia presente, fica claro que o termo "exportações do Rio Grande do Sul" traz implícita a suposição de que, em seu espaço físico, se constitui uma economia. É aí, mais precisamente, que reside a ambigüidade. Se o termo economia se referir a um conjunto qualquer de atividades econômicas realizadas em um território definido — quicá delimitado por fronteiras interestaduais —, é correto reputarem-se as vendas para fora desse território como sendo exportações. No entanto essa forma de conceituar é, com certeza, insuficiente. Conceito mais adequado seria o de considerar a economia como o conjunto de atividades econômicas capazes, por seu desenvolvimento material, social, político e institucional, de garantir a reprodução ampliada do capital existente em um território física e politicamente delimitado. Se essa forma de conceituar uma economia for adotada, não se pode dizer que exista uma economia gaúcha, já que as condições aludidas jamais existiram no Rio Grande do Sul. Pela mesma razão, também deve-se admitir que o termo "exportações do Rio Grande do Sul", mais do que uma ambigüidade, contém uma imprecisão. Nesse caso, talvez o mais adequado fosse

¹ Utiliza-se neste trabalho o conceito de industrialização encontrado em Mello (1984). Esse conceito coloca a acumulação de capital nos setores industriais como o elemento responsável não só pela internalização crescente dos meios de produção, como pela gestação de um mercado nacional internamente determinado.

adotar as expressões "vendas para outros estados da Federação", quando essas se dirigissem ao mercado nacional, e "exportações do Brasil a partir do Rio Grande do Sul", quando os produtos fossem destinados ao Exterior.

A especificação do significado real das vendas para áreas fora do Estado e a da natureza das atividades econômicas aqui exercidas não são especificações que tenham conseqüências meramente formais. As atividades econômicas realizadas no Rio Grande do Sul só encontram sua unidade no meio mais amplo do conjunto da produção social brasileira, conjunto este responsável pela reprodução ampliada do capital no Brasil, que, por isso, constitui a economia nacional. Assim, existe a economia brasileira e, analogamente, há outras economias nacionais em cujos interiores se dá, organicamente, a reprodução ampliada do capital nela existente. Em cada economia nacional se estabelece, via concorrência intercapitalista, um movimento global do conjunto dos capitais que se diferencia do que ocorre nas demais economias nacionais e que, internamente, se impõe aos capitais existentes em todas as regiões.

O que se acaba de dizer propicia a base para a especificação feita. O estabelecimento de relações entre o desenvolvimento industrial e o que convencionalmente se chama de exportações gaúchas não pode ser adequadamente feito se não considerando as atividades econômicas realizadas no espaço físico do Rio Grande do Sul como parcela da produção social da economia nacional. Isso significa dizer que tais relações não podem ser estudadas fora do contexto do movimento global de acumulação de capital no Brasil, o qual é definido pela especificidade do desenvolvimento capitalista no País.

Se se trata de vendas para outros estados, isso deve ser visto como relações comerciais entre capitais de diferentes regiões, mas no interior da economia nacional brasileira e, portanto, sujeitas ao movimento específico da expansão capitalista a nível nacional. Por outro lado, quando se trata de vendas para outros países, não se pode esquecer o caráter internacional de tais transações, no sentido mais rigoroso da expressão transações internacionais, isto é, transações entre capitais situados em espaços econômicos que se excluem mutuamente, via políticas tarifária, cambial e fiscal, padrão monetário, restrições à movimentação de capitais e força de trabalho, custos de transportes, etc. Tais transações ficam também sobredeterminadas não só pelos preços relativos, como também pelo movimento cíclico e pelo estágio específico do desenvolvimento capitalista vigentes em cada uma das economias envolvidas.

Finalizando esta introdução, procura-se novamente fixar a natureza deste trabalho. Trata-se de um exame das estatísticas disponíveis sobre as exportações do Rio Grande do Sul, de modo a buscar base empírica para algumas hipóteses relativas à sua influência sobre o processo industrial gaúcho, com o objetivo de servir de suporte para a pesquisa **A Dinâmica de Expansão da Indústria no Rio Grande do Sul: 1930-75**. Tal exame foi feito a partir do corpo analítico integrado àquela pesquisa, corpo este que fornece o sentido mais amplo das análises aqui realizadas. Na medida em que está fora dos propósitos deste trabalho descrever tal corpo analítico, fazem-se algumas observações com o objetivo de esclarecer o significado de tais análises. Sumariamente, as referidas observações podem ser resumidas na forma que segue: a) as exportações gaúchas são vistas como expressões condensadas dos estímulos à indústria no Rio Grande do Sul oriundos do desenvolvimento capitalista de outras áreas; b) os estímulos à expansão fornecidos pelas exportações para a indústria do Rio Grande do Sul não constituem os

determinantes únicos dos limites e potencialidades do desenvolvimento industrial no Estado, sendo que as características da formação social local e o Estado têm grande influência no estabelecimento da forma e da intensidade do processo industrial gaúcho; e c) a indústria do Rio Grande do Sul deve ser vista como parcela dos capitais industriais da economia nacional brasileira, a qual constitui a unidade e torna orgânica a expansão capitalista no País.

1 - Exportações e indústria no Rio Grande do Sul

1.1 - Exportações gaúchas e indústria no Rio Grande do Sul

As exportações gaúchas para o Exterior e para outros estados da Federação têm desempenhado importante papel para o desenvolvimento das atividades industriais no Rio Grande do Sul. De um lado, tal importância decorre dos mercados que as exportações têm provido para o setor industrial, os quais não só derivam das vendas diretas de produtos industriais para fora do Estado, como também são fruto do poder de compra aqui resultante da exportação de bens agropecuários. De outro lado, as atividades exportadoras têm cumprido o importante papel de viabilizar significativa parte das importações dos equipamentos necessários à acumulação industrial.

São indicativos da relação entre as exportações e o produto industrial os Gráficos 1 e 2. No primeiro deles, que relaciona a evolução dos índices do produto industrial e das exportações nos anos censitários, entre 1919 e 1970, observa-se que as exportações e o produto industrial cresceram em proporções bastante similares. Já no segundo gráfico, que descreve a mesma relação com base em dados anuais desde 1947 até 1974, vê-se que o produto industrial não só tem no longo prazo um crescimento similar ao das exportações, como também sofre oscilações de curto prazo que se aproximam em muito das que se verificam nas mesmas. Assim, o exame dos dados da evolução das exportações e do produto industrial valida a hipótese, muito difundida na literatura sobre a indústria gaúcha, de que **o desenvolvimento industrial no Rio Grande do Sul tem historicamente se vinculado às exportações para outros estados da Federação e para o Exterior.**

1.2 - Industrialização brasileira, mercado internacional e indústria no Rio Grande do Sul

Posto que a observação dos dados confirma a hipótese de que as exportações gaúchas foram historicamente influentes no Rio Grande do Sul, passa-se a examinar sua evolução, levando-se em conta a proporção em que se destinaram a outros estados da Federação ou ao Exterior. A leitura do Gráfico 3 e da Tabela 4, que lhe deu origem, mostra que, **pelo menos desde o início do século, predominaram as exportações para**

outros estados da Federação, as quais tiveram no total exportado uma ponderação que oscilou entre 60 e 90 %.

A esse respeito deve-se registrar que, conforme tem mostrado a literatura sobre a questão regional no Brasil, a elevada participação das vendas externas do Rio Grande do Sul para o mercado interno constitui exceção para os padrões de escassa integração espacial que vigoram no País até a terceira década deste século. Não obstante, é preciso notar que, enquanto parcela do montante exportado, as vendas para o mercado internacional não eram desprezíveis, chegando em determinados períodos, como o de 1917 a 1921, a se aproximarem da proporção das vendas para o mercado interno.

A partir de 1930, a participação das vendas para o mercado interno oscilou intensamente, sem, no entanto, mostrar uma tendência firme de elevação ou retração até 1942. Contudo, entre esse ano e o de 1954, a participação das vendas para o mercado interno assumiu forte tendência ascensional, chegando a representar mais de nove décimos das vendas para fora do Estado. De 1954 em diante, importante movimento de retração ocorreu, reduzindo-se significativamente a proporção para o mercado interno, o qual, nos primeiros anos do decênio de 70, atingiu um patamar (70,2% em 1972) que aproximadamente equivale ao que viveu na década de 30 (média de 71,5%).

As variações da importância dos mercados interno e externo para as exportações gaúchas podem ser explicadas pela evolução absoluta das vendas do Rio Grande do Sul para o Exterior e para os outros estados da Federação (Tabela 4 e Gráficos 4, 5 e 6). Entre 1930 e 1955, o valor real das exportações para o mercado exterior teve um crescimento bastante exíguo, não ultrapassando a casa dos 1,1% anuais. Essa baixa percentagem reflete não só as dificuldades gerais implícitas na crise internacional da década de 30, como também a dificuldade, específica para o Rio Grande do Sul, de manter o valor real de suas vendas para o mercado mundial na década de 50. Esconde, todavia, as elevadas taxas de crescimento dos anos 40, especialmente a partir de 1945.

Por sua vez, nos mesmos 25 anos, as vendas para outros estados da Federação cresceram rapidamente, expandindo-se à taxa anual de 8%. Mais do que isso, a comparação do crescimento das exportações interestaduais originadas no Rio Grande do Sul e do produto industrial brasileiro sugere ter-se imposto, via dimensão do mercado, estreita vinculação entre tais exportações e o processo de industrialização vigente no País, desde 1930. Como se pode ver nas Tabelas 4 e 5 e nos Gráficos 7 e 8, entre 1930 e 1955, as oscilações das taxas de crescimento das exportações internas do Rio Grande do Sul aproximadamente equivaleram às flutuações que se verificaram com a expansão da produção industrial brasileira.

Constata-se, assim, que o forte crescimento da importância das exportações gaúchas para o mercado interno relativamente às vendas para o Exterior, ocorrido entre 1930 e 1955, contém, de um lado, a estagnação das vendas para o Exterior e, de outro, o rápido aumento das exportações para outros estados, esta última como decorrência do processo de industrialização brasileira iniciado nos anos 30. A mesma situação é ilustrada também na Tabela 6, que mostra a contribuição do mercado externo e a do mercado interno entre 1908 e 1974. Como se pode verificar, entre 1930 e 1955, ou mesmo, em cada um dos subperíodos considerados pela tabela entre esses anos, a contribuição do mercado interno para o crescimento das exportações gaúchas foi substancialmente superior à expansão das vendas para o mercado internacional. Por

isso, pode-se dizer que, no período em questão, foi o crescimento do mercado interno que definiu a grandeza da expansão das exportações gaúchas.

No que diz respeito às exportações para o Exterior, o período 1955-74 apresenta substanciais diferenças, se comparadas com as de duas décadas e meia a partir de 1930. Como se pode ver na Tabela 5, as vendas do Rio Grande do Sul para o mercado internacional, entre 1955 e 1974, expandiram-se com grande velocidade (14,9% a.a.). Já as exportações para o mercado nacional, de crescimento mais reduzido, mas, ainda assim, bastante elevado (8,1% a.a.), oscilaram de forma similar ao produto industrial brasileiro, exceção feita ao período 1955-61. Dessa forma, as exportações para o mercado internacional recuperaram a importância que tinham na década de 30. Contudo, como se pode ver na Tabela 6, a contribuição do mercado interno continuou sendo predominante.

Encerrando estas considerações sobre a dicotomia mercado externo/mercado interno, pode-se dizer que: a) as exportações para o mercado interno predominaram em todo o período 1930-74, com o que as mesmas definiram o maior ou menor dinamismo das exportações totais do Rio Grande do Sul; b) as exportações para o mercado internacional evoluíram lentamente entre 1930 e 1955 (1,1% a.a.) em oposição ao rápido crescimento do período 1955-74 (14,9%); e c) as exportações para o mercado nacional, apresentando um crescimento anual bastante acelerado para os dois períodos (7,9% e 8,1% a.a.), oscilaram de forma similar ao produto industrial brasileiro.

Examinando os dados relativos às exportações e ao produto industrial do Rio Grande do Sul entre 1930 e 1974, mostrou-se primeiramente que os mesmos validam a hipótese de estar a produção secundária gaúcha vinculada ao comportamento das vendas para fora do Estado. Agora, em um segundo momento, ressalta-se que as exportações do Rio Grande do Sul mantiveram íntima relação com o avanço da produção industrial brasileira e, por extensão, com o próprio movimento de industrialização no Brasil. Assim, pode-se concluir serem factíveis de confirmação empírica as hipóteses que relacionam a expansão industrial do Rio Grande do Sul ao movimento mais amplo de industrialização no Brasil.

1.3 - Concentração industrial brasileira e redefinição dos mercados para as exportações internas do Rio Grande do Sul

Neste item, examinar-se-á a hipótese de que, entre 1930 e 1974, a concentração industrial ocorrida no Brasil a favor de São Paulo levou também, via aumento mais que proporcional do mercado desse estado, à redefinição da distribuição das exportações internas do Rio Grande do Sul, privilegiando o mercado paulista.

As Tabelas 7 e 8 descrevem a evolução real das exportações gaúchas para os principais estados importadores do Rio Grande do Sul. A Tabela 7 contém dados anuais desde 1913. Já a 8 registra o valor das exportações gaúchas nos anos censitários e adiciona informações relativas à evolução do produto industrial dos estados referidos. Nela fica retratado o que é sobejamente conhecido em relação à evolução do produto

industrial: um formidável crescimento da produção secundária no Brasil, entre 1919 e 1970 (36 vezes), concomitantemente a uma intensa concentração da produção industrial no Estado de São Paulo, que atingiu, em 1970, a proporção de 58% da produção setorial brasileira. Além disso, não se pode deixar de fazer menção de que, no mesmo período, a produção industrial incluída no agregado relativo ao Rio de Janeiro e à Guanabara diminuiu sua participação a nível nacional de 27 para 15%.

Movimento similar ocorreu com as exportações gaúchas. No período considerado, elas foram multiplicadas em 26 vezes, e a participação das exportações para São Paulo subiu de 21 para 39%, enquanto, inversamente, a proporção que o conjunto Rio de Janeiro e Guanabara detinha caiu de 39 para 21%.

Com base nos dados descritos pelas Tabelas 7 e 8, **pode-se propor existir uma relação causal entre a produção industrial dos diferentes estados brasileiros e as exportações gaúchas para os mesmos. Justifica-se tal relação pelo crescimento dos mercados locais implícito no incremento da produção secundária e pelo do nível da atividade dos demais setores, os quais normalmente acompanham a evolução da atividade manufatureira.** Empiricamente, a referida relação expressa-se através dos Gráficos de 9 a 15, que relacionam para os anos censitários os índices do valor real das exportações internas gaúchas e do produto industrial do Brasil e de cada estado examinado.

Confirma-se, nesses gráficos e nas tabelas que lhes dão base, a relação proposta: a produção industrial em cada estado e as exportações gaúchas para os mesmos no período em questão relacionaram-se diretamente. Além disso, observa-se que, quanto mais intenso o crescimento industrial, maior foi a expansão das exportações gaúchas, validando a hipótese de que o incremento dos mercados locais se impôs como um dos determinantes das exportações do Rio Grande do Sul.

Ora, como se fez referência, a produção industrial teve, nos diversos estados, evolução bastante diferenciada, do que decorreram evoluções muito desiguais dos mercados locais. Assim, justifica-se que as exportações internas gaúchas tenham crescido com intensidades diferentes, dependendo do destino, e que, no decorrer do período de 1919 a 1970, sua distribuição no mercado interno tenha sido redefinida. Como no caso do produto industrial, tal redefinição teve como traços mais marcantes o aumento da participação do Estado de São Paulo e a retração da importância do Rio de Janeiro e da Guanabara.

A Tabela 7 e os Gráficos 16, 17 e 18 fornecem informações adicionais relativas à importância dos mercados fluminense e carioca e do mercado paulista para o Rio Grande do Sul. Como se pode ver na Tabela 7, do início do século a 1930, o Rio de Janeiro constituiu o principal mercado para os produtos do Rio Grande do Sul, mercado este que era pelo menos o dobro do paulista. Após 1930, a supremacia do então Distrito Federal e de suas áreas vizinhas foi colocada em xeque pelo maior dinamismo da economia paulista (Gráfico 16). Em meio ao importante crescimento das exportações para as duas regiões, já em alguns anos iniciais da década de 40, o mercado paulista para o Rio Grande do Sul superou o do Rio de Janeiro. A partir de meados da década de 50, essa supremacia tornou-se definitiva, absorvendo São Paulo, em 1970, o dobro em valor de produtos gaúchos adquiridos pelo Rio de Janeiro e pela Guanabara (Gráficos 16 e 18).

Deslocando a análise para um patamar mais elevado de abstração, pode-se dizer que o avanço do processo de industrialização no Brasil trouxe consigo o aumento do mercado interno e, conseqüentemente, viabilizou o incremento do comércio inter-regional. Como se pode ver, no caso do Rio Grande do Sul, esse incremento, tomando a forma de acréscimo das exportações internas, estimulou a expansão da economia e da indústria regional. Não obstante, a industrialização brasileira fez-se de forma espacialmente concentrada, e isso se traduziu não só na concentração da produção industrial, mas também do mercado nacional em São Paulo. **Assim, a redefinição da distribuição espacial do mercado nacional para o Rio Grande do Sul deve ser vista como um atributo da industrialização brasileira, cujo desenvolvimento viabilizou o incremento do comércio inter-regional no Brasil e definiu sua distribuição espacial.**

Além disso, sendo um atributo desse processo, é muito provável que tal redefinição tenha ocorrido para a maioria das economias regionais brasileiras, que, dessa forma, se vincularam também à expansão capitalista de São Paulo. Isso abre espaço para pensar que, igualmente ao caso do Rio Grande do Sul, as economias das diferentes regiões, através de suas exportações para São Paulo, tiveram aumentadas suas possibilidades de crescimento. Pode-se supor ainda que, por sua vez, esse crescimento possibilitou e, mesmo, exigiu o desenvolvimento do comércio entre as regiões brasileiras que não a paulista. Embora uma formulação como a que se acaba de fazer envolva um conjunto bastante grande de hipóteses não tratadas neste trabalho e nem mesmo verificadas empiricamente, a mesma poderia explicar o intenso crescimento das exportações gaúchas entre 1930 e 1974 para outros estados da Federação que não o de São Paulo.

A respeito das transações inter-regionais do Rio Grande do Sul, são ainda dignas de menção as exportações para a Bahia, Pernambuco, Paraná e Santa Catarina. A razão da citação das exportações para os dois primeiros estados reside no fato de que, no início do século, as mesmas representavam, em conjunto, aproximadamente um quarto das exportações internas gaúchas, tendo, em 1970, caído para algo em torno de 6%. Já com as exportações para o Paraná e Santa Catarina aconteceu justamente o contrário: de cerca de 6% no início do século, pularam para aproximadamente 25% em 1970. Em parte, as explicações para tais fatos residem no menor dinamismo das economias baiana e pernambucana relativamente às paranaense e catarinense, conforme se pode ver na Tabela 8 e nos Gráficos 12 a 15.

Contudo o dinamismo das economias em questão não explica tudo, já que as exportações para os estados do nordeste cresceram muito mais lentamente do que seu produto industrial, ocorrendo o contrário com os estados do sul. Essa é uma questão para a qual não se tem uma resposta acabada, mas é provável que se possa afirmar que a integração da economia gaúcha com a de outras regiões que não a de São Paulo foi tão mais intensa quanto maior a proximidade de tais regiões. Dessa maneira, especula-se que as exportações gaúchas para Santa Catarina e Paraná cresceram mais rapidamente do que o mercado desses estados ao deslocar concorrentes mais distantes. De modo similar, as exportações gaúchas para o nordeste teriam, em parte, sido deslocadas por concorrentes mais próximos.

1.4 - Os principais produtos exportados

Para realizar a análise das exportações segundo o tipo das mercadorias que as compuseram, dispôs-se, ao escrever este trabalho, de duas séries de dados. A primeira delas, apresentada na Tabela 9, apóia-se sobre dados do **Anuário Estatístico de Exportações do Rio Grande do Sul**, conforme o detalhado na **Bibliografia**. Na referida tabela tem-se, para os anos de 1920, 1930, 1940 e 1950, o valor nominal das exportações gaúchas discriminadas segundo os grupos de produtos exportados. Tais grupos de mercadorias foram distribuídos de acordo com os setores que lhes deram origem: a) AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA VEGETAL; e b) INDÚSTRIA.²

Já a segunda série (Tabelas 10, 11 e 12) tem como origem das informações as tabulações organizadas pela Unidade de Agregados Econômicos da FEE com base em dados fornecidos pelo Ministério da Fazenda. Essa segunda série discrimina, para os anos de 1969, 1974 e 1979, os dados das exportações gaúchas para o mercado interno e para o mercado externo. Além disso, no que se refere à origem dos produtos, os mesmos encontram-se discriminados por setores e ramos de produção: a) PECUÁRIA E DERIVADOS; b) EXTRATIVA MINERAL; c) EXTRATIVA VEGETAL; e d) INDÚSTRIA. Este último setor, por sua vez, desagrega-se em seus ramos. Com o objetivo de aumentar a capacidade de descrição desses dados (do ponto de vista da pesquisa para a qual este trabalho é suporte), os ramos industriais foram agregados em três grupos: a) GRUPO I - INDÚSTRIAS PREDOMINANTEMENTE PRODUTORAS DE BENS DE CONSUMO NÃO DURÁVEL; b) GRUPO II - INDÚSTRIAS PREDOMINANTEMENTE PRODUTORAS DE BENS INTERMEDIÁRIOS; e c) GRUPO III - INDÚSTRIAS PREDOMINANTEMENTE PRODUTORAS DE BENS DE CAPITAL E DE CONSUMO DURÁVEL.³

A observação dos dados da Tabela 9 mostra que, **no período de 1920 a 1950, entre as exportações gaúchas, predominavam, com longa margem, os produtos com origem no setor AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA VEGETAL, cuja participação variou entre 91 e 71% das exportações totais.** Contudo deve-se dizer que a participação dos bens de origem industrial, apesar de pequena, cresceu rapidamente, passando de 7% em 1920 para mais de 20% em 1950.⁴

² A distribuição dos grupos pelos setores foi feita de maneira aproximada e após o exame das mercadorias que compõem cada grupo.

³ Conforme procedimento adotado em Cano (1985).

⁴ É importante registrar que, de acordo com a classificação de produtos do **Anuário Estatístico das Exportações do Rio Grande do Sul** (para detalhes, ver a **Bibliografia**), o grupo **produtos de matadouro e caça** se encontra excluído da classe das **manufaturas**. O grupo em questão, cuja participação foi, em geral, mais elevada do que a alcançada por qualquer outro, contém produtos como as carnes frigorificadas e as embutidas, que, normalmente, incluem o ramo da indústria alimentar. De qualquer forma, ainda que se classifiquem esses produtos como bens de origem industrial, a predominância das exportações oriundas da AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA estaria preservada. Nesse caso, os produtos originados da AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA e da INDÚSTRIA representariam, respectivamente, 59,2 e 38,9% das exportações gaúchas em 1920; 58,3 e 39,1% em 1930; 50,5 e 45,5% em 1940 e 58,9 e 32,8% em 1950.

A importância das produções agrícola e pecuária para as exportações gaúchas no período de 1920 a 1950 foi ainda maior do que a que a participação dos bens oriundos do setor AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA VEGETAL expressa. Isso é percebido quando se observa a composição dos grupos de produtos integrantes das exportações industriais do Rio Grande do Sul nesse período. Como se pode verificar, a maior parte das exportações industriais gaúchas constituía-se, naquele período, de produtos originados da AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA VEGETAL, manufaturados ou beneficiados em ramos de relativamente escassa exigência tecnológica e de capital ou que se destinavam ao consumo popular. Fugiam a essa regra, os grupos **manufaturas de ferro, aço e suas ligas; outras máquinas e aparelhos não especificados; e outras manufaturas de origem mineral**, cujos bens integrantes, provavelmente, eram produzidos em estabelecimentos de caráter artesanal, que, em parte, formavam um incipiente setor de bens de produção no Rio Grande do Sul. No entanto a participação desses grupos nas exportações gaúchas, apesar de crescente, era muito restrita: 1,3% em 1920 e 4,0% em 1950.

Nos itens anteriores, mostrou-se que o progresso da indústria no Rio Grande do Sul, desde o início do século, esteve vinculado às vendas para fora do Estado, especialmente aquelas destinadas ao mercado nacional. Agrega-se agora a informação de que, **entre 1920 e 1950, tais exportações eram realizadas, quase exclusivamente, com produtos originados da AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA VEGETAL ou com produtos oriundos desse setor com algum grau de manufaturação ou beneficiamento industrial**. Esse tipo de informação corrobora a hipótese de que a indústria gaúcha se assentava principalmente no mercado regional, o qual era, em boa medida, determinado pelas exportações do Estado, especialmente as dirigidas para outras regiões do País.

Entre 1950 e 1969, houve profunda modificação na pauta de exportações do Rio Grande do Sul, no sentido de as mesmas conterem maior proporção de produtos industriais. Isso pode ser visto através da comparação das duas séries antes referidas, apesar das diferenças dos critérios de construção dos dados. Retirando-se, na Tabela 9, **os produtos de matadouro e caça** do setor AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA VEGETAL e incluindo-os no setor INDÚSTRIA, a participação desses setores, em 1950, passaria a ser 58,9 e 32,8% respectivamente. Na Tabela 12, verifica-se que essas participações em 1969 foram de 13,9 e 81,0%. Já em 1974, a AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA representou 19,6% das exportações gaúchas, e a INDÚSTRIA, 77,6%.

Tais modificações expressam, sem dúvida, as alterações que ocorreram a nível da estrutura produtiva gaúcha. Em 1950, a agricultura e a indústria representavam 35,3 e 20,2% do produto líquido gaúcho; em 1970, essas participações eram de 20,9 e 21,0%, ou seja, os dois setores igualavam-se em volume da produção, de acordo com estudos desenvolvidos pelo Núcleo de Contas Regionais. Contudo **as transformações na pauta das exportações foram de tal ordem que sugerem que a indústria gaúcha, no mesmo período, tenha conseguido vincular-se de forma muito mais direta com os mercados de outros estados da Federação, perdendo seu caráter quase exclusivamente regional**. Assim, se, no período anterior, os estímulos da expansão do capital a nível nacional à indústria gaúcha passavam preponderantemente pelas exportações agrícolas, a partir dos anos 60, os capitais industriais do Rio Grande do Sul

conquistaram mercados fora da região em proporção bastante significativa, passando a participar intensamente da concorrência a nível nacional.

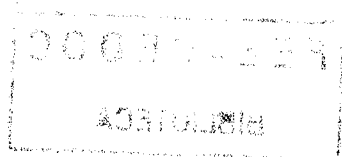
Modificações igualmente importantes verificam-se quando se examinam as exportações industriais do Estado. Agrupando-se, na Tabela 9, o valor dos produtos exportados em 1950 que poderiam integrar a produção de bens de consumo durável, de bens de capital ou de consumo intermediário vinculados à nova base industrial⁵, encontra-se um montante equivalente a cerca de 3% das exportações gaúchas desse ano. Já em 1969, as mercadorias exportadas pelo Rio Grande do Sul classificáveis no grupo de **INDÚSTRIAS PREDOMINANTEMENTE PRODUTORAS DE BENS DE CAPITAL E DE CONSUMO DURÁVEL — GRUPO III** — atingiram a participação de 10,7% das exportações gaúchas em 1969 e de 14,6% desse mesmo total em 1974. No que se refere aos bens intermediários vinculados a nova base industrial implantada no Brasil, nos anos 50, tais como os oriundos da **metalurgia** e da **química B**⁶, os coeficientes referidos atingiram 11,6% em 1969 e 13,2% em 1974. Dessa forma, **vê-se que ocorreu uma profunda modificação da pauta das exportações industriais gaúchas, as quais passaram a incluir significativa proporção de meios de produção.**

Na Tabela 13, que descreve a evolução da estrutura industrial do Rio Grande do Sul, verifica-se que as modificações da pauta gaúcha de exportações de produtos industriais ocorreram concomitantemente a importantes modificações a nível da própria estrutura produtiva. Assim, enquanto a participação na estrutura industrial do Estado do grupo de **INDÚSTRIAS PREDOMINANTEMENTE PRODUTORAS DE BENS DE CONSUMO NÃO DURÁVEL — GRUPO I** — caiu de 79% em 1919 para 64% em 1949 e para 38% em 1975, com o grupo de **INDÚSTRIAS PREDOMINANTEMENTE PRODUTORAS DE BENS DE CAPITAL E DE CONSUMO DURÁVEL — GRUPO III** — ocorreu o inverso: 0,5% em 1919, 3,9% em 1949 e 22,3% em 1975. Dessa forma, pode-se dizer que, **se, de um lado, o dinamismo dos mercados de fora do Estado contribuíram para a expansão e a diversificação da estrutura produtiva industrial, de outro, as mesmas, que não se devem exclusivamente às exportações, viabilizaram a evolução ocorrida na pauta de produtos colocados em outros estados da Federação ou no Exterior.**

⁵ Manufaturas de ferro e aço e suas ligas, outras máquinas e aparelhos não classificados; e outras manufaturas de origem mineral.

⁶ O gênero **química A** contém: óleos; gorduras; derivados de origens animal e vegetal; forragens e produtos alimentícios para animais, exclusive cereais não moídos; produtos químicos orgânicos; preparações farmacêuticas e medicinais; extratos curtientes e corantes; materiais para curtume e pintura; tintas; matérias plásticas artificiais e resinas sintéticas; óleos essenciais; produtos aromáticos naturais e artificiais; perfumarias; e produtos diversos.

O gênero **química B** contém: combustíveis; lubrificantes; óleos naturais e seus produtos; elementos e produtos químicos inorgânicos; produtos químicos orgânicos; preparações farmacêuticas e medicinais; extratos curtientes e corantes; materiais para curtume e pintura; tintas; óleos essenciais e produtos aromáticos naturais e artificiais; perfumarias; adubos manufaturados; matérias plásticas artificiais; resinas sintéticas; e produtos diversos.



A discriminação das exportações para os mercados interno e externo, apresentada nas Tabelas 10 e 11, mostra que a evolução ocorrida se deu diferenciadamente em cada um dos casos. **No que se refere às vendas para o Exterior, constata-se que o crescimento se deu concentrado em alguns setores ou ramos produtivos.** É o caso da **lavoura**, que, apoiada na comercialização da soja, chegou a representar mais de 40% das exportações gaúchas para o Exterior. Além disso, a soja, através de seus subprodutos, deu base à expansão das exportações do ramo industrial **química A**, o qual, em 1974, alcançou a participação de 17,6% das vendas gaúchas ao Exterior. Merecem destaque ainda os ramos **alimentar** e **vestuário**, este último através das exportações de calçados. Os setores e ramos citados foram responsáveis por mais de 69% das exportações gaúchas em 1969 e de 79% em 1974.

Já no que se refere às vendas para outros estados da Federação, houve uma dispersão bem mais acentuada do crescimento das exportações. Não obstante essa dispersão, tal crescimento privilegiou os ramos mais vinculados com a matriz industrial implantada nos anos 50 e foi a base das alterações da pauta de exportações totais do Rio Grande do Sul. Em 1969 e em 1974, as exportações internas realizadas pelo Grupo III atingiram, respectivamente, 12,9 e 18,4% das vendas gaúchas para outros estados. Em conjunto, à **metalurgia** e a **química B** somaram 14,5 e 16,7% daquele total.

Conclusões

Resumem-se a seguir as principais conclusões a que se chegou neste trabalho de análise dos dados das exportações do Rio Grande do Sul entre 1930 e 1974.

Primeiro, o desenvolvimento da indústria no Rio Grande do Sul tem historicamente se vinculado às exportações para outros estados e para o Exterior.

Segundo, no período de análise, as exportações para outros estados predominaram largamente, oscilando entre 60 e 90% do total exportado. Com isso, pode-se dizer que o ritmo de expansão das exportações gaúchas foi definido pelo crescimento das vendas do Estado para outras regiões do País.

Terceiro, as vendas do Rio Grande do Sul para o Exterior expandiram-se lentamente entre 1930 e 1955 (1,1% a.a.) e aceleradamente entre 1955 e 1974 (14,9% a.a.). Já as exportações internas apresentaram um crescimento bastante intenso nos dois períodos (7,9 e 8,1% a.a.), oscilando de forma similar ao produto industrial brasileiro. Dessa maneira, levando em consideração as observações inclusas neste e nos itens anteriores, pode-se concluir serem verificáveis empiricamente as hipóteses que relacionam a expansão industrial do Rio Grande do Sul ao movimento mais amplo da industrialização no Brasil.

Quarto, no contexto da concentração espacial da produção industrial e dos mercados regionais no Brasil, verificada a favor de São Paulo desde o início do século, redefiniu-se a distribuição das exportações internas do Rio Grande do Sul. Assim, entre 1920 e 1970, os dois mais importantes mercados do Rio Grande do Sul no Brasil — o correspondente ao agregado Rio de Janeiro e Guanabara e o de São Paulo — inverteram

suas posições relativas: enquanto, nos 50 anos referidos, se reduziu de 39 para 21% a participação das exportações gaúchas para a Guanabara e o Rio de Janeiro, as vendas para São Paulo, sob o ímpeto do maior crescimento industrial e do mercado daquele estado, aumentaram sua proporção de 21 para 39%. Dessa maneira, boa parte do crescimento das exportações do Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, dos mercados disponíveis para o crescimento da produção industrial gaúcha relacionou-se com a expansão do produto industrial de São Paulo.

Quinto, é necessário também registrar a diminuição da importância relativa dos mercados do nordeste (Pernambuco e Bahia) concomitantemente à crescente dimensão proporcional das vendas para o Paraná e Santa Catarina, estados mais próximos e com mais intenso crescimento industrial.

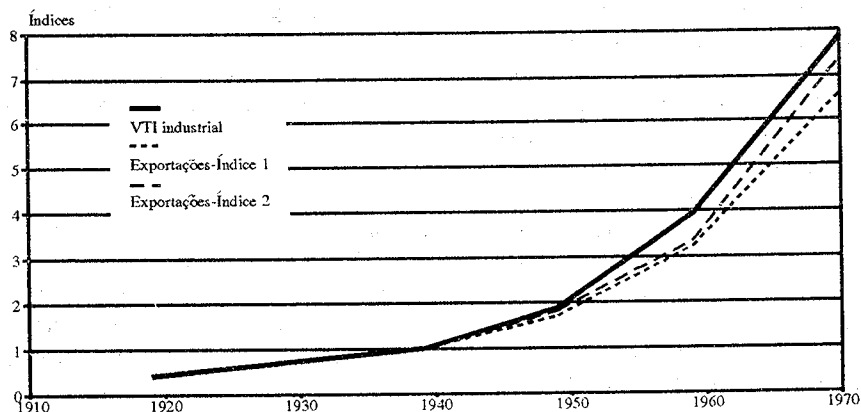
Sexto, no que diz respeito à análise da origem setorial dos bens exportados, os dados examinados para o período de 1920 a 1950 apontam uma larga preponderância dos bens oriundos do setor AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA VEGETAL, cuja participação esteve concentrada entre 91 e 71% das exportações totais do período referido. Mesmo entre os bens industriais, constatou-se intensa presença de mercadorias resultantes do beneficiamento ou da transformação de bens originalmente produzidos pela AGROPECUÁRIA E EXTRATIVA VEGETAL. Dessa forma, pode-se pensar que, entre 1930 e 1950, os estímulos de demanda propiciados pelas exportações gaúchas à indústria no Rio Grande do Sul resultaram indiretamente das vendas para fora do Estado de produtos primários.

Sétimo, entre 1950 e 1969, ocorreu profunda transformação da pauta de exportação do Estado, expressando a evolução da estrutura produtiva gaúcha. Os dados mostram que, no intervalo de tempo em questão, se reduziu substancialmente a participação, nas exportações gaúchas, das vendas para fora do Estado de bens agropecuários. Além disso, tornaram-se importantes as exportações dos ramos industriais integrantes da produção de meios de produção e de consumo durável. Tal aumento da participação das exportações industriais do Rio Grande do Sul e a alteração da composição do conjunto das manufaturas exportadas corroboram as hipóteses de superação, na década de 60, do caráter regional da indústria gaúcha.

Oitavo, enquanto o crescimento das exportações externas se concentrou em alguns setores ou ramos produtivos — **lavoura, química, alimentar e vestuário** (calçados) —, a expansão das exportações para o mercado interno baseou-se em mais intensa diversificação da estrutura produtiva do Estado. Nesse sentido, destacam-se as exportações de mercadorias vinculadas aos ramos preponderantemente produtores de bens de consumo durável ou de capital — **material de transportes, material elétrico e mecânica** — e de bens de consumo intermediário ligados à matriz industrial implantada no Brasil, a partir dos anos 50 — **química e metalurgia**.

GRÁFICO 1

ÍNDICES DE EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA E DAS EXPORTAÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL – 1919-1970

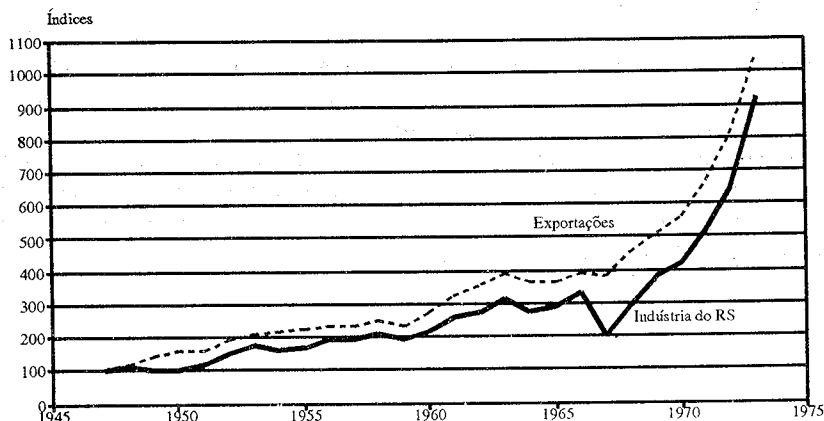


FONTE: Tabela 1.

NOTA: Os índices têm como base 1939=1,000.

GRÁFICO 2

ÍNDICES DE EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA E DAS EXPORTAÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL – 1947-74

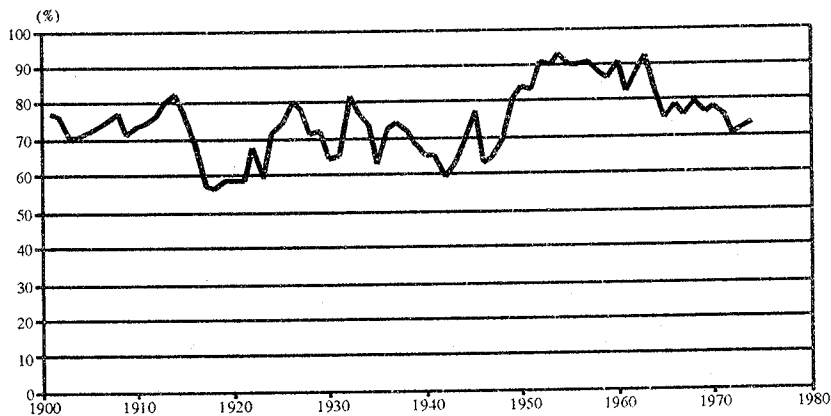


FONTE: Tabela 2.

NOTA: Os índices têm como base 1947=100.

GRÁFICO 3

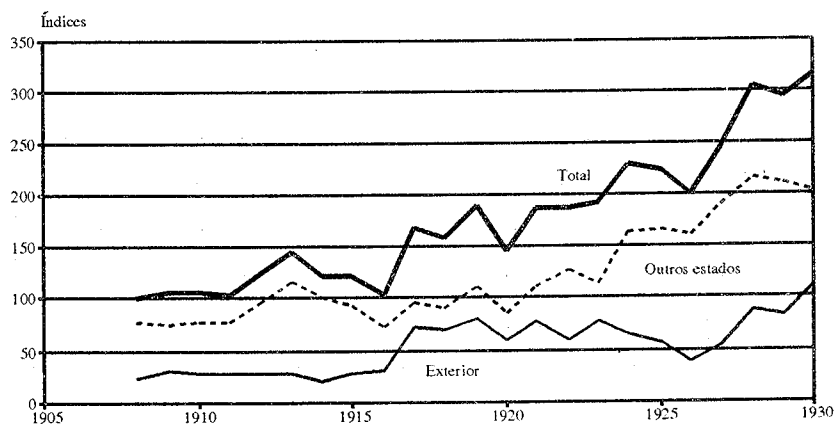
**PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS EXPORTAÇÕES
PARA OUTROS ESTADOS NAS EXPORTAÇÕES TOTAIS
DO RIO GRANDE DO SUL – 1901-1974**



FONTE: Tabela 4.

GRÁFICO 4

**EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL
PARA OS MERCADOS INTERNO E EXTERNO
E TOTAL – 1908-30**

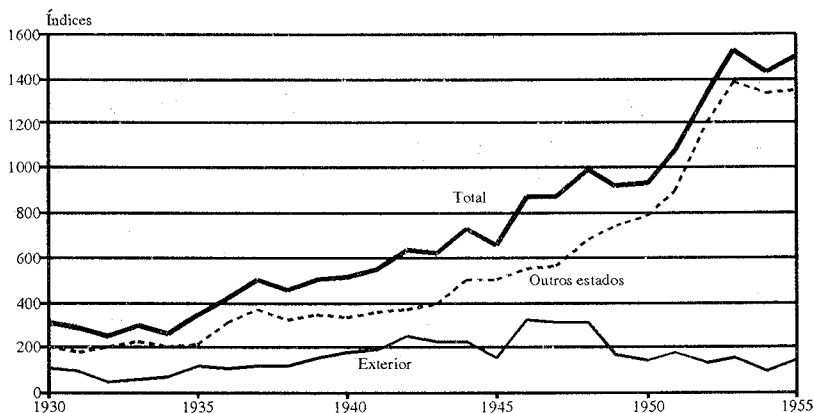


FONTE: Tabela 4.

NOTA: Os índices têm como base 1908=100.

GRÁFICO 5

**EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL
PARA OS MERCADOS INTERNO E EXTERNO
E TOTAL – 1930-55**

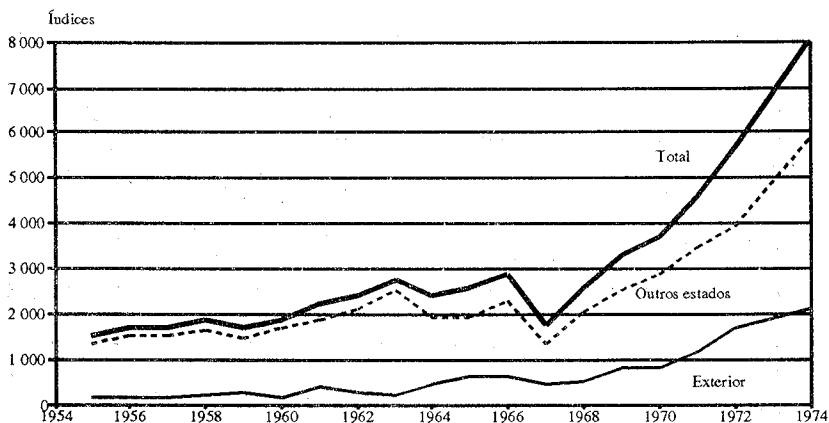


FONTE: Tabela 4.

NOTA: Os índices têm como base 1908=100.

GRÁFICO 6

**EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL
PARA OS MERCADOS INTERNO E EXTERNO
E TOTAL – 1955-1974**

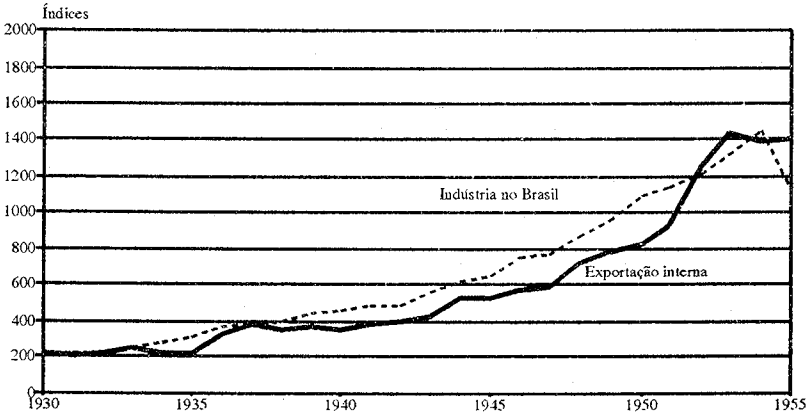


FONTE: Tabela 4.

NOTA: Os índices têm como base 1908=100.

GRÁFICO 7

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES INTERNAS DO RIO GRANDE DO SUL
E DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL – 1930-55

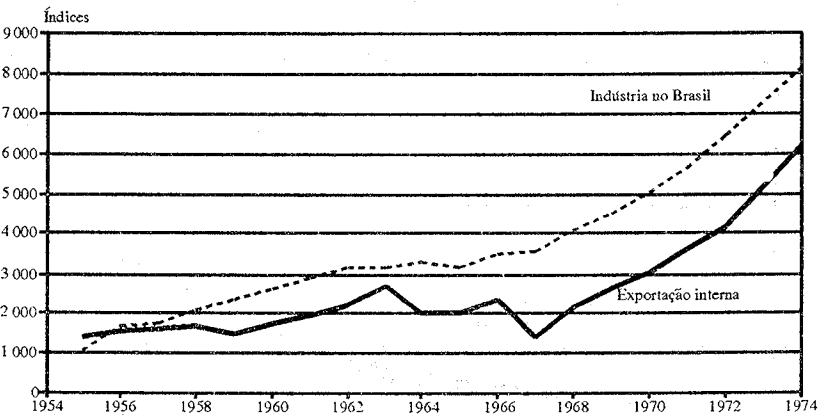


FONTE: Tabela 4.

NOTA: Os índices têm como base 1912=100.

GRÁFICO 8

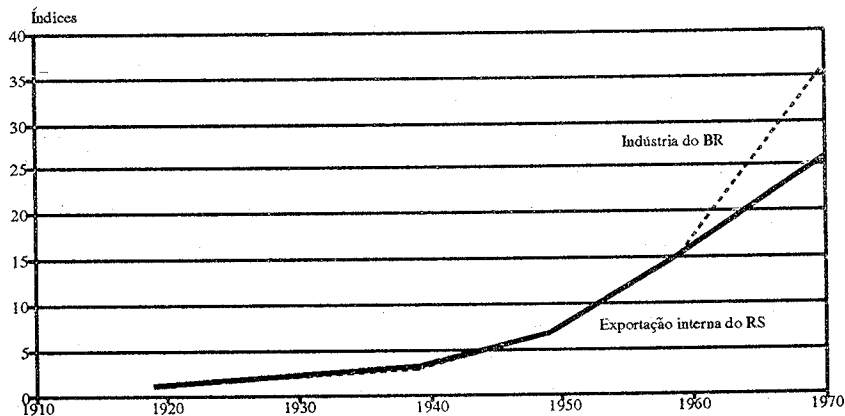
EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES INTERNAS DO RIO GRANDE DO SUL
E DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL NO BRASIL – 1955-1974



FONTE: Tabela 4.

NOTA: Os índices têm como base 1912=100.

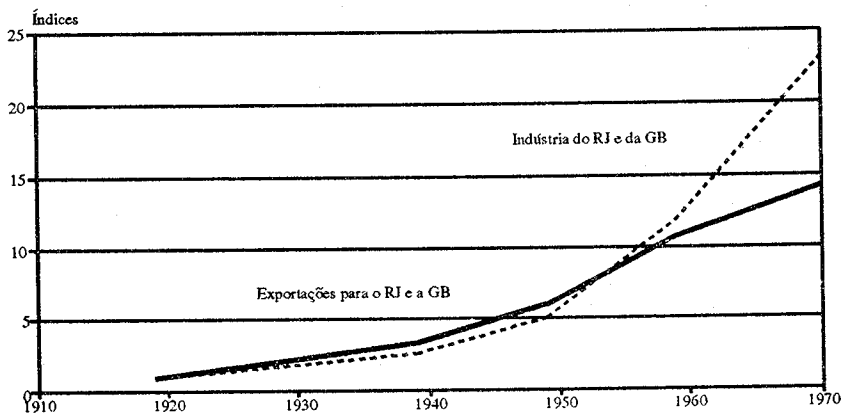
GRÁFICO 9

EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DO BRASIL E DO MERCADO BRASILEIRO
PARA O RIO GRANDE DO SUL – 1919-70

FONTE: Tabela 8.

NOTA: Os índices têm como base 1919=1,000.

GRÁFICO 10

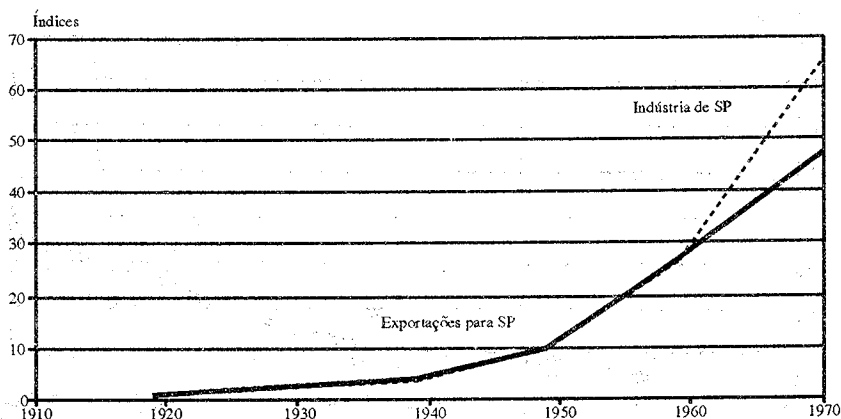
EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DO RIO DE JANEIRO E DA GUANABARA
E DOS MERCADOS FLUMINENSE E CARIOCA
PARA O RIO GRANDE DO SUL – 1919-1970

FONTE: Tabela 8.

NOTA: Os índices têm como base 1919=1,000.

GRÁFICO 11

EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DE SÃO PAULO E DO MERCADO PAULISTA PARA O RIO GRANDE DO SUL – 1919-1970

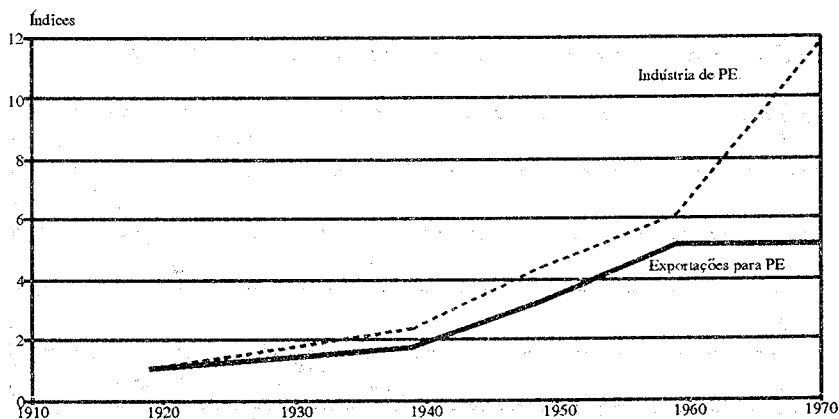


FONTE: Tabela 8.

NOTA: Os índices têm como base 1919=1,000.

GRÁFICO 12

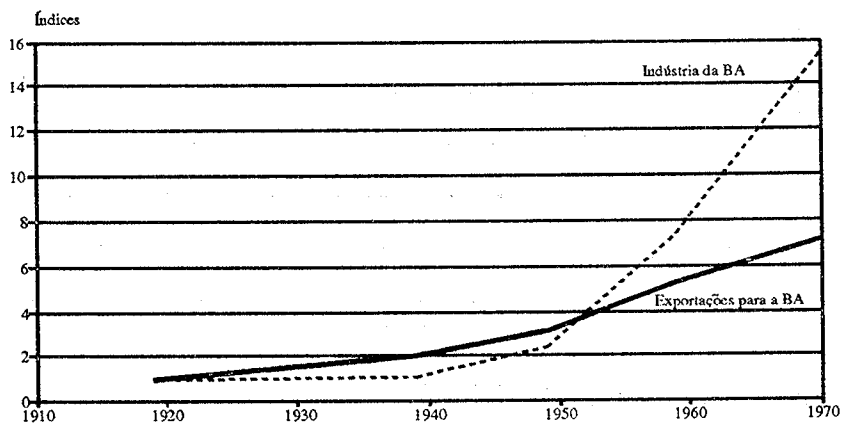
EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO E DO MERCADO PERNAMBUCANO PARA O RIO GRANDE DO SUL – 1919-1970



FONTE: Tabela 8.

NOTA: Os índices têm como base 1919=1,000.

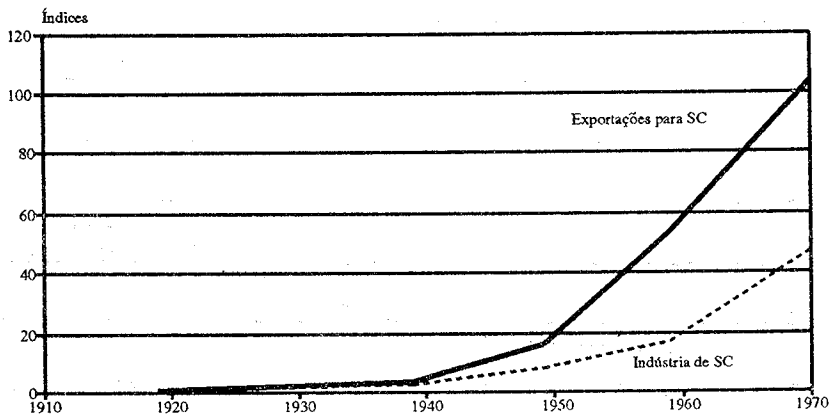
GRÁFICO 13

EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DA BAHIA E DO MERCADO BAIANO
PARA O RIO GRANDE DO SUL – 1919-1970

FONTE: Tabela 8.

NOTA: Os índices têm como base 1919=1,000.

GRÁFICO 14

EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DE SANTA CATARINA E DO MERCADO
CATARINENSE PARA O RIO GRANDE DO SUL – 1919-1970

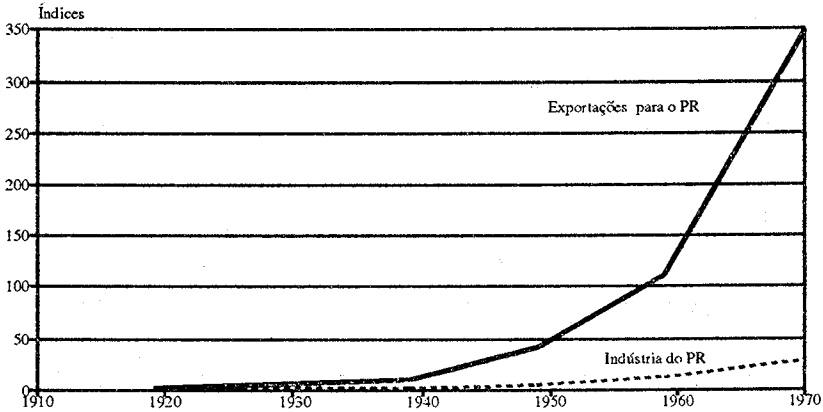
FONTE: Tabela 8.

NOTA: Os índices têm como base 1919=1,000.

Ensaios FEE, Porto Alegre, 12(2):349-382, 1991

GRÁFICO 15

EVOLUÇÃO DA INDÚSTRIA DO PARANÁ E DO MERCADO PARANAENSE PARA O RIO GRANDE DO SUL – 1919-1970

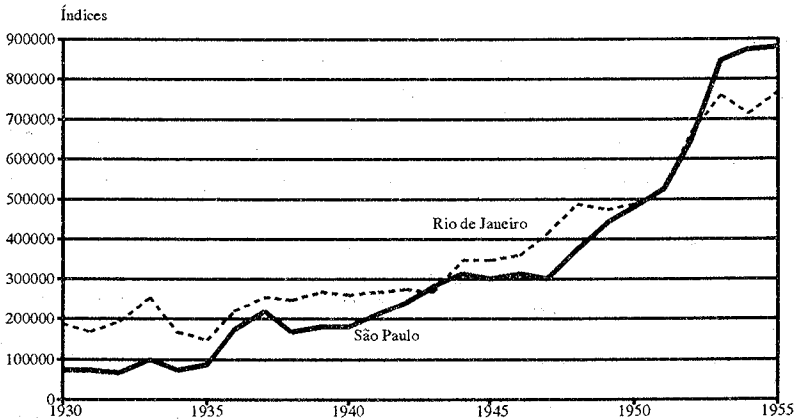


FONTE: Tabela 8.

NOTA: Os índices têm como base 1919=1,000.

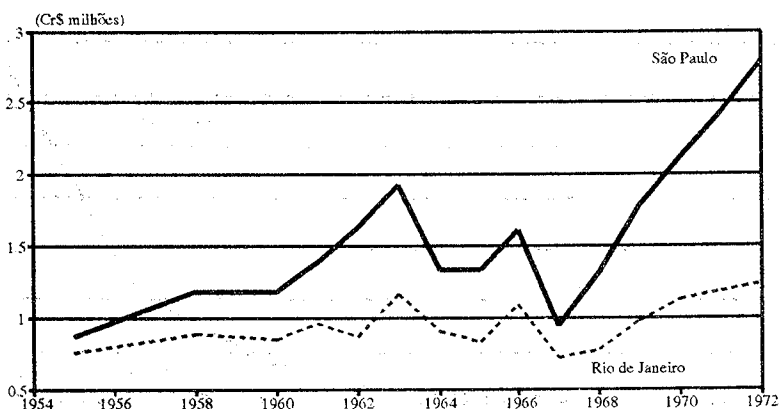
GRÁFICO 16

EVOLUÇÃO REAL DAS EXPORTAÇÕES GAÚCHAS PARA O RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO – 1930-55



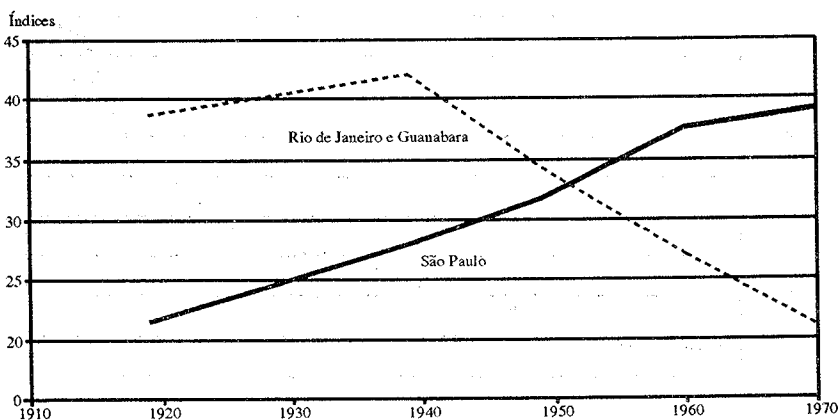
FONTE: Tabela 7.

NOTA: Valores em cruzeiros de 1939.

GRÁFICO 17**EVOLUÇÃO REAL DAS EXPORTAÇÕES GAÚCHAS PARA
O RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO – 1955-1972**

FONTE: Tabela 7.

NOTA: Valores em cruzeiros de 1939.

GRÁFICO 18**PARTICIPAÇÃO DAS VENDAS PARA O RIO DE JANEIRO
E A GUANABARA E PARA SÃO PAULO NAS EXPORTAÇÕES
INTERNAS DO RIO GRANDE DO SUL – 1919-1970**

FONTE: Tabela 8.

Tabela 1

Índices da evolução real das exportações e do VTI da indústria de transformação do Rio Grande do Sul — 1919-1970

ANOS	PRODUTO INDUSTRIAL (1)	EXPORTAÇÕES	
		Índice 1 (2)	Índice 2 (3)
1919	0,387	0,359	0,379
1939	1,000	1,000	1,000
1949	1,839	1,699	1,831
1959	3,968	3,225	3,345
1970	7,867	6,593	7,377

FONTE: Produto industrial e deflator implícito: CANO, Wilson (1985). **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil 1930/1970**. São Paulo, Global. p.322 e 325.

Exportações: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA EXPORTAÇÃO 1920-41; 1947-50; 1953-55 (1942, 1951, 1958). Porto Alegre, DEE.

Deflator Implícito do PIB: 1919-1940: HADDAD, Cláudio (1990). **Estatísticas históricas do Brasil**. Rio de Janeiro, IBGE. p.177.

1940-1970: ABREU, Marcelo de P., org. (s.d.). **A ordem do progresso: cem anos de política econômica — 1889-1989**. (s.n.t.) p.386-414.

NOTA: Os índices têm como base 1939=100.

(1) Índices do valor censitário do VTI da indústria de transformação do Rio Grande do Sul calculados pelo Deflator Implícito para a Indústria de Transformação no Brasil proposto por Cano (1985). (2) Índices do valor das exportações gaúchas calculados pelo Deflator Implícito para a Indústria de Transformação no Brasil proposto por Cano (1985). (3) Índices do valor das exportações gaúchas calculados pelo Deflator Implícito do PIB.

Tabela 2

Índices e taxas anuais de crescimento das exportações e do produto industrial
do Rio Grande do Sul — 1947-75

ANOS	ÍNDICES REAIS (1)		TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO (%)	
	Exportações	Indústria	Exportações	Indústria
1947	100,0	100,0	-	-
1948	113,4	122,8	13,4	22,8
1949	104,8	142,2	-7,5	15,8
1950	107,0	163,8	2,0	15,2
1951	123,2	157,8	15,1	-3,7
1952	152,4	195,6	23,7	24,0
1953	174,5	209,1	14,5	6,9
1954	163,6	218,4	-6,3	4,4
1955	171,2	223,2	4,7	2,2
1956	192,7	234,4	12,5	5,0
1957	193,4	238,6	0,4	1,8
1958	212,2	252,7	9,7	5,9
1959	191,5	231,6	-9,8	-8,4
1960	214,6	273,4	12,1	18,1
1961	256,6	321,5	19,6	17,6
1962	270,9	354,8	5,6	10,4
1963	316,2	393,9	16,7	11,0
1964	271,3	367,7	-14,2	-6,7
1965	291,2	365,8	7,3	-0,5
1966	331,6	393,6	13,9	7,6
1967	201,4	384,0	-39,3	-2,4
1968	293,6	457,6	45,8	19,2
1969	379,4	509,8	29,2	11,4
1970	422,4	561,1	11,3	10,1
1971	522,9	665,5	23,8	18,6
1972	646,2	801,6	23,6	20,5
1973	-	904,3	-	12,8
1974	917,1	1 050,2	-	16,1
1975	-	1 106,6	-	5,4

FONTE: Exportações: Tabela 4.

Produto Industrial UNAGE: FEE/DITEC/UNIDADE DE AGREGADOS ECONÔMICOS

(1) Os índices têm como base 1947=100.

Tabela 3

Taxas de crescimento real das exportações e da indústria de transformação
do Rio Grande do Sul — 1947-74

PERÍODOS	EXPORTAÇÕES	INDÚSTRIA
1947-55	7,0	10,6
1955-61	7,0	6,3
1961-66	5,3	4,1
1966-70	6,2	9,3
1970-74	21,4	17,0

FONTE: Tabela 2.

Tabela 4

Exportações do Rio Grande do Sul para outros estados da Federação e para o Exterior e produção industrial brasileira — 1901-1974

ANOS	EXPORTAÇÕES GAÚCHAS										ÍNDICES DA PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO BRASILEIRA (1912=100)	EXPORTAÇÕES PARA OUTROS ESTADOS (1912=100)	
	Valores Reais (cr\$ de 1939)			Índices das Exportações Totais (1908=100)			Taxas de Crescimento			Participação			
	Outros Estados	Exterior	Total	Outros Estados	Exterior	Total	Outros Estados	Exterior	Total	Outros Estados			Exterior
1901	-	-	-	-	-	-	-	-	-	77,6	22,4	-	
1902	-	-	-	-	-	-	-	-	-	76,7	23,3	-	
1903	-	-	-	-	-	-	-	-	-	70,6	29,4	-	
1904	-	-	-	-	-	-	-	-	-	70,4	29,6	-	
1905	-	-	-	-	-	-	-	-	-	72,7	27,3	-	
1906	-	-	-	-	-	-	-	-	-	73,9	26,1	-	
1907	-	-	-	-	-	-	-	-	-	75,2	24,8	-	
1908	144 578	41 745	186 323	77,6	22,4	100,0	-	-	-	77,6	22,4	81,1	
1909	140 511	196 235	336 746	75,4	105,1	28,8	-3,5	5,3	71,6	28,4	-	78,8	
1910	147 661	52 239	199 900	79,3	28,0	107,3	5,1	-6,3	1,9	73,9	26,1	-	
1911	143 795	50 461	194 256	77,2	27,1	104,3	-2,6	-3,4	2,8	74,0	26,0	-	
1912	178 322	54 424	232 746	95,7	29,3	124,9	24,0	7,9	19,8	76,6	23,4	100,0	
1913	217 043	53 210	270 253	116,5	28,6	145,0	21,7	-2,2	16,1	80,3	19,7	100,0	
1914	184 758	59 830	244 588	101,3	21,4	122,7	-13,0	-25,1	-15,4	82,6	17,4	90,4	
1915	174 608	51 977	226 585	93,7	27,9	121,6	-7,5	30,5	-9,9	77,1	22,9	102,2	
1916	134 832	59 505	194 337	72,4	31,9	104,3	-22,8	14,5	-14,2	69,4	30,6	85,6	
1917	178 371	512 842	691 213	95,7	72,2	167,9	32,3	126,0	61,0	57,0	43,0	100,0	
1918	167 893	238 116	406 009	90,1	68,8	158,9	-5,9	-4,7	-5,4	56,7	43,3	94,2	
1919	206 258	147 719	353 977	110,7	79,3	190,0	22,9	15,3	19,6	58,3	41,7	115,7	
1920	297 054	272 362	569 416	185,5	61,0	146,5	-22,8	-23,1	-22,9	58,4	41,6	-	
1921	205 708	144 389	350 098	110,4	77,5	187,9	29,1	27,0	38,3	58,8	41,2	114,1	
1922	235 969	111 900	347 869	126,6	60,1	186,7	14,7	-22,5	-0,6	67,8	32,2	132,3	
1923	297 054	145 623	442 677	155,9	101,3	257,2	31,1	19,1	25,6	92,7	7,3	169,2	
1924	306 646	121 981	427 627	164,0	65,5	229,5	44,7	-16,2	19,8	71,5	28,5	192,1	
1925	302 390	105 220	407 610	165,5	56,5	222,0	0,9	-13,7	-3,3	74,6	25,4	198,7	
1926	297 654	72 362	370 016	159,8	38,8	198,6	-3,5	-31,2	-10,5	80,4	19,6	202,2	
1927	353 178	99 890	453 068	189,6	53,6	243,2	18,7	38,0	22,4	78,0	22,0	224,5	
1928	403 410	163 702	567 112	216,5	87,9	304,4	14,2	63,9	25,2	71,1	28,9	239,7	
1929	394 417	153 498	547 916	211,7	83,4	294,1	-2,2	-6,2	-3,4	72,0	28,0	222,2	
1930	377 492	209 770	587 262	202,6	112,6	315,2	-4,3	36,7	7,2	64,3	35,7	211,7	
1931	349 163	182 143	531 306	187,4	97,8	285,2	-7,5	-13,2	-9,5	65,7	34,3	220,5	
1932	383 683	86 312	469 995	205,9	46,3	252,2	8,9	-52,6	-11,5	81,6	18,4	212,2	
1933	429 626	124 330	553 956	230,6	66,7	297,3	12,0	44,0	17,9	77,6	22,4	250,2	
1934	372 034	130 802	502 836	199,7	70,3	269,9	-13,4	5,3	-9,2	74,0	26,0	238,6	
1935	400 913	234 568	635 481	215,2	125,9	341,1	26,4	29,2	27,8	81,6	18,4	272,7	
1936	574 863	211 778	786 641	308,5	113,7	422,2	43,4	-9,7	23,8	73,1	26,9	367,2	
1937	688 474	238 702	927 176	369,5	128,1	497,6	19,8	12,7	17,9	74,3	25,7	385,6	
1938	611 137	235 486	846 624	360,7	126,4	487,1	-11,2	-1,1	-8,6	72,2	27,8	397,8	
1939	641 159	292 979	934 138	444,1	157,2	501,4	4,8	24,4	10,3	68,6	31,4	436,7	
1940	627 306	337 856	965 163	336,7	181,3	518,0	-2,2	15,3	3,3	65,0	35,0	446,7	
1941	672 118	352 711	1 024 849	360,7	189,3	550,0	7,1	4,4	6,2	65,6	34,4	491,3	
1942	704 886	478 057	1 182 943	378,3	256,6	634,9	4,9	35,5	15,4	59,6	40,4	490,0	
1943	742 740	419 834	1 162 574	398,6	225,3	624,0	5,4	-12,2	-1,7	63,9	36,1	555,0	
1944	828 894	418 250	1 247 144	498,5	193,3	691,8	25,1	-0,3	18,9	68,9	31,1	614,4	
1945	843 659	281 407	1 125 066	506,5	151,0	657,5	1,6	-32,8	-9,1	77,0	23,0	641,5	
1946	1 023 280	603 927	1 627 207	549,2	324,1	873,3	8,4	114,6	32,8	62,9	37,1	748,4	
1947	1 054 691	577 006	1 631 696	566,1	309,7	875,7	3,1	-4,5	0,3	64,6	35,4	771,8	
1948	1 275 841	574 401	1 850 242	684,7	308,3	993,0	21,0	-0,5	13,4	69,0	31,0	809,3	
1949	1 389 282	321 308	1 710 590	745,6	172,4	918,1	8,9	44,1	17,5	81,2	18,8	964,8	
1950	1 465 938	229 601	1 695 540	786,8	150,1	936,8	5,5	13,0	1,0	84,0	16,0	1 087,4	
1951	1 668 477	341 461	2 009 938	895,5	183,3	1 078,7	13,8	22,1	15,1	83,0	17,0	1 146,2	
1952	2 246 408	240 872	2 487 280	1 205,7	129,3	1 334,9	34,6	29,5	21,7	90,3	9,7	1 209,9	
1953	2 566 667	281 142	2 847 809	1 377,5	150,9	1 528,4	14,3	16,7	14,5	90,1	9,9	1 322,8	
1954	2 485 422	183 890	2 669 312	1 333,9	96,7	1 430,6	-3,2	-34,6	-4,3	91,3	8,7	1 394,3	
1955	2 515 342	278 639	2 793 981	1 350,0	149,5	1 499,5	1,2	51,5	4,7	90,0	10,0	1 410,6	
1956	2 836 934	307 151	3 144 085	1 522,6	164,8	1 687,4	12,8	10,2	12,5	90,2	9,8	1 600,5	
1957	2 865 942	289 850	3 155 792	1 538,2	155,6	1 693,7	1,0	-5,6	0,4	90,8	9,2	1 785,9	
1958	3 040 288	422 169	3 462 456	1 631,7	226,6	1 858,3	6,1	45,7	9,7	87,8	12,2	2 085,0	
1959	2 698 798	425 520	3 124 317	1 448,5	228,4	1 676,8	-11,2	0,8	-9,8	86,4	13,6	1 811,4	
1960	3 183 014	318 155	3 501 169	1 708,3	170,8	1 879,1	17,9	-25,2	12,1	90,9	9,1	2 063,1	
1961	3 464 087	722 249	4 186 336	1 859,2	387,6	2 246,8	8,8	127,0	19,6	82,7	17,3	2 892,6	
1962	3 913 455	407 590	4 321 045	2 100,4	272,3	2 372,7	13,0	29,7	9,6	88,5	10,5	3 126,0	
1963	4 742 846	416 582	5 159 428	2 545,5	223,6	2 769,1	21,2	-17,9	16,7	91,9	8,1	3 612,6	
1964	5 626 700	800 519	6 427 219	2 986,0	429,6	3 415,6	-25,5	92,2	-14,2	81,9	18,1	4 276,5	
1965	5 367 765	1 187 825	6 555 590	3 121,7	912,7	3 934,4	1,7	48,4	1,7	74,9	25,1	4 900,8	
1966	4 249 954	1 161 416	5 411 370	2 361,3	2 904,3	19,3	-2,2	13,7	78,8	21,5	-	3 488,8	
1967	2 494 690	792 116	3 286 806	1 338,9	425,1	1 764,0	-41,3	-31,8	-39,3	75,9	24,1	3 565,1	
1968	3 813 630	4 976 983	8 790 614	4 046,8	524,1	4 571,1	21,1	29,8	29,3	79,3	20,7	4 071,6	
1969	4 724 513	1 465 338	6 189 850	2 535,7	786,5	3 322,1	23,9	50,0	29,2	76,3	23,7	4 527,0	
1970	5 389 019	1 502 543	6 891 562	2 892,3	806,4	3 698,7	14,1	2,5	11,3	78,2	21,8	5 064,3	
1971	6 431 158	2 106 643	8 537 800	3 451,6	1 127,4	4 579,0	19,3	39,8	23,8	75,4	24,6	5 668,5	
1972	7 397 246	3 146 189	10 543 435	3 970,1	1 688,6	5 658,7	12,0	49,8	33,6	70,2	29,8	6 458,8	
1974	11 032 868	3 932 158	14 965 026	5 921,4	2 110,4	8 031,8	22,1	11,8	19,1	73,7	26,3	8 112,3	

FONTE: 1901-1912: DOMINGUES, Hercílio (1929). Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul: estudo do comércio de exportação rio-grandense. Porto Alegre, Globo.
1913-1972: INDICADORES ECONÔMICOS RS (1977). Porto Alegre, FEE, V.5, n.1, jan./jun. p.163-4.

1971 outros estados: Exportação - Comércio Interno D/M.

1974 outros estados: Exportação - Comércio Interno VT/D/M.

NOTA: Dados corrigidos pelo Deflator Implícito do PIB.

Tabela 5

Taxas anuais de crescimento das exportações do Rio Grande do Sul
e da indústria brasileira — 1908-74

(%)

PERÍODOS	EXPORTAÇÕES			INDÚSTRIA BRASILEIRA
	Outros Estados	Exterior	Total	
1908-30	4,5	7,6	5,4	(1) 4,4
1930-33	4,4	-16,0	-1,9	4,8
1933-37	12,5	17,7	13,7	11,4
1937-45	4,0	2,1	3,5	6,6
1945-55	10,3	-0,1	8,6	5,8
1930-55	7,9	1,1	6,4	6,8
1955-61	5,5	17,2	7,0	17,1
1961-66	4,2	10,0	5,3	3,8
1966-70	6,1	6,6	6,2	9,8
1970-74	19,6	27,2	21,4	12,5
1955-74	8,1	14,9	9,2	11,0

FONTE: Tabela 4.

(1) Para a indústria, o primeiro período é o de 1912 a 1930.

Tabela 6

Contribuição dos mercados interno e externo nas exportações do Rio Grande do Sul — 1908-74

PERÍODOS	VARIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES EM TERMOS ABSOLUTOS (C\$ de 1939)			VARIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES EM TERMOS PERCENTUAIS RELATIVOS		
	Para Outros Estados	Para o Exterior	Total	Para Outros Estados	Para o Exterior	Total
1908-30	232 914	168 025	400 939	58,1	41,9	100,00
1930-55	2 137 850	68 869	2 206 719	96,9	3,1	100,00
1930-33	52 134	-85 440	-33 306	-156,5	256,5	100,00
1933-37	258 848	114 372	373 220	69,4	30,6	100,00
1937-45	255 185	42 705	297 890	85,7	14,3	100,00
1945-55	1 571 683	-2 768	1 568 915	100,2	-0,2	100,00
1955-74	8 517 526	3 653 519	12 171 045	70,0	30,0	100,00
1955-61	948 745	443 610	1 392 355	68,1	31,9	100,00
1961-66	785 867	439 167	1 225 034	64,2	35,8	100,00
1966-70	1 139 065	341 127	1 480 192	77,0	23,0	100,00
1970-74	5 643 849	2 429 615	8 073 464	69,9	30,1	100,00

FONTE: Tabela 4.

Tabela 7

Evolução real das exportações gaúchas para outros estados — 1913-72

ANOS	RJ	SP	PE	BA	PR	SC	TOTAL
1913	98 250	38 700	18 268	31 208	5 905	5 978	217 043
1914	-	-	-	-	-	-	188 758
1915	74 415	30 410	20 936	20 580	2 774	5 048	174 608
1916	50 564	24 276	18 048	18 309	2 415	4 688	134 832
1917	68 104	37 286	23 731	19 062	1 669	5 623	178 371
1918	66 355	38 802	23 509	13 655	1 743	5 673	167 893
1919	79 964	44 599	28 997	19 974	2 057	6 030	206 258
1920	67 877	28 721	17 372	18 542	2 688	7 375	159 283
1921	99 801	34 762	20 915	23 826	2 822	7 497	205 708
1922	110 655	44 772	31 110	18 528	2 349	4 907	235 969
1923	91 743	39 798	28 341	15 321	2 814	4 477	211 195
1924	148 190	53 244	37 413	20 624	3 927	6 471	305 646
1925	143 495	67 344	31 478	19 537	5 058	6 728	308 390
1926	149 669	55 446	27 900	21 449	5 535	7 407	297 654
1927	174 690	80 420	28 873	24 463	6 044	8 023	353 178
1928	161 427	87 510	24 623	22 388	6 260	6 758	403 410
1929	175 435	86 664	41 059	36 828	8 033	7 204	394 417
1930	183 247	75 368	40 942	30 224	7 345	6 917	377 492
1931	163 227	70 556	38 265	27 048	6 233	8 754	349 163
1932	188 870	62 838	41 602	26 226	7 997	8 363	383 683
1933	253 322	101 927	67 632	48 625	6 744	9 750	429 626
1934	168 593	70 655	45 266	29 724	9 622	7 218	372 034
1935	149 488	85 204	51 077	31 726	8 171	7 960	400 913
1936	223 468	172 597	57 149	35 378	13 290	14 759	574 863
1937	250 916	222 180	48 557	30 972	13 989	12 397	688 474
1938	248 018	165 868	51 533	45 118	19 993	22 889	611 617
1939	269 095	179 351	49 567	40 585	21 098	21 114	641 159
1940	260 898	178 769	53 495	36 961	17 285	19 106	627 306
1941	268 526	212 945	48 794	35 713	20 854	23 128	672 138
1942	270 307	238 408	43 452	33 918	23 450	33 748	704 886
1943	264 334	280 876	51 146	27 181	24 231	47 174	742 740
1944	343 289	312 786	82 216	41 877	33 271	60 596	928 890
1945	346 034	303 363	70 866	48 257	34 055	65 328	943 659
1946	360 363	316 770	83 234	50 178	33 191	78 778	1 023 280
1947	416 397	302 110	68 170	46 580	39 583	83 837	1 054 691
1948	484 996	375 543	84 766	54 450	62 726	96 419	1 275 841
1949	475 821	440 160	93 630	62 053	85 342	98 775	1 389 282
1950	488 561	478 709	87 598	71 011	75 157	117 998	1 465 938
1951	518 226	527 797	98 358	75 713	104 656	154 145	1 668 477
1952	667 713	650 835	149 187	129 201	163 941	179 544	2 246 408
1953	762 458	848 236	153 118	104 815	165 643	167 075	2 566 667
1954	711 282	874 453	110 884	92 591	134 653	264 836	2 485 422
1955	770 805	880 553	137 659	106 973	143 438	205 856	2 515 342
1956	-	-	-	-	-	-	2 836 934
1957	-	-	-	-	-	-	2 865 942
1958	900 546	1 192 747	165 194	98 164	173 321	238 406	3 040 288
1959	777 075	-	140 168	82 338	-	-	2 698 798
1960	860 012	1 197 957	149 118	103 536	228 920	326 275	3 183 014
1961	976 801	1 397 430	172 544	113 330	256 204	336 320	3 464 087
1962	878 381	1 633 336	191 302	124 871	316 160	386 815	3 913 455
1963	1 172 289	1 929 445	168 157	139 272	392 421	526 697	4 742 846
1964	904 853	1 336 068	114 744	110 203	306 612	411 480	3 626 700
1965	846 270	1 341 208	146 872	105 009	306 108	439 438	3 563 760
1966	1 098 354	1 617 561	159 124	119 872	378 284	462 952	4 249 954
1967	727 531	952 033	115 355	75 278	180 374	198 542	2 494 690
1968	776 664	1 328 388	116 504	127 512	380 145	475 953	3 813 630
1969	988 745	1 793 320	145 755	135 524	577 557	634 286	4 724 513
1970	1 131 796	2 108 455	149 473	142 098	715 151	627 571	5 389 019
1971	1 189 482	2 441 897	121 690	141 222	1 120 905	806 364	6 431 159
1972	1 247 148	2 779 952	133 130	145 987	1 165 943	1 053 453	7 397 246

FONTE: 1913-1927: DOMINGUES, Hercílio (1929). **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul**: estudo do comércio de exportação rio-grandense. Porto Alegre, Globo. v.1.
 1928-1955: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA EXPORTAÇÃO 1920-1941, 1947-50, 1953-55 (1942, 1951, 1958). Porto Alegre, DEE.

1958-1972: Exportação — Comércio Interno D/M/VT.

NOTA: Os valores reais foram calculados pelo Deflator Implícito do PIB.

Tabela 8

Indicadores da indústria nos principais estados importadores do Rio Grande do Sul e evolução das exportações gaúchas para esses estados — 1919-1970

a) participação na produção industrial brasileira

(%)

PERÍODOS	RJ E GB	SP	BA	PE	SC	PR	TOTAL
1919	27,55	32,23	3,59	6,60	1,92	3,83	100,00
1939	25,11	40,74	1,40	5,51	2,08	2,33	100,00
1949	20,57	48,85	1,29	4,48	2,39	2,86	100,00
1959	17,58	55,55	1,71	2,60	2,19	3,20	100,00
1970	15,50	58,23	1,54	2,15	2,57	3,08	100,00

b) taxas reais da produção industrial

(%)

PERÍODOS	RJ E GB	SP	BA	PE	SC	PR	TOTAL
1919-39	5,0	6,7	0,6	4,5	5,7	2,9	5,4
1939-49	6,8	10,6	7,7	6,3	10,1	10,8	8,6
1949-59	8,8	10,3	12,1	3,2	8,0	10,1	8,9
1959-70	6,3	8,5	7,0	6,2	9,7	7,7	8,0

c) índices da produção industrial segundo os estados (1919 = 1,000)

PERÍODOS	RJ E GB	SP	BA	PE	SC	PR	TOTAL
1919	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000
1939	2,635	3,648	1,121	2,414	3,031	1,757	2,883
1949	5,092	9,976	2,359	4,462	7,944	4,919	6,576
1959	11,832	26,667	7,361	6,098	17,101	12,927	15,456
1970	23,163	65,454	15,498	11,821	47,146	29,136	36,188

d) participação nas exportações internas do RS

(%)

PERÍODOS	RJ E GB	SP	BA	PE	SC	PR	TOTAL
1919	38,8	21,6	9,7	14,1	2,9	1,0	100,0
1939	42,0	28,0	6,3	7,7	3,3	3,3	100,0
1949	34,2	31,7	4,5	6,7	7,1	6,1	100,0
1960	27,0	37,6	3,3	4,7	10,3	7,2	100,0
1970	21,0	39,1	2,6	2,8	11,6	13,3	100,0

(continua)

Tabela 8

Indicadores da indústria nos principais estados importadores do Rio Grande do Sul e evolução das exportações gaúchas para esses estados — 1919-1970

e) taxas de crescimento real das exportações internas do RS

PERÍODOS	RJ E GB	SP	BA	PE	SC	PR	TOTAL (%)
1919-39	6,3	7,2	3,6	2,7	6,5	12,3	5,8
1939-49	5,9	9,4	4,3	6,6	16,7	15,0	8,0
1949-60	5,5	9,5	4,8	4,3	11,5	9,4	7,8
1960-70	2,8	5,8	3,2	0,0	6,8	12,1	5,4

f) índices das exportações internas do RS (1919 = 1,000)

PERÍODOS	RJ E GB	SP	BA	PE	SC	PR	TOTAL
1919	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000	1,000
1939	3,365	4,021	2,032	1,709	3,502	10,254	3,109
1949	5,950	9,869	3,107	3,229	16,382	41,479	6,736
1960	10,755	26,860	5,184	5,143	54,113	111,263	15,432
1970	14,154	47,275	7,114	5,155	104,082	347,587	26,128

g) índices das exportações internas do RS (BR DE 1919 = 100)

PERÍODOS	RJ E GB	SP	BA	PE	SC	PR	TOTAL
1919	38,8	21,6	9,7	14,1	2,9	1,0	100,0
1939	130,5	87,0	19,7	24,0	10,2	10,2	310,9
1949	230,7	213,4	30,1	45,4	47,9	41,4	673,6
1960	417,0	580,8	50,2	72,3	158,2	111,0	1 543,2
1970	548,7	1 022,2	68,9	72,5	304,3	346,7	2 612,8

FONTE: Indústria: Cano, Wilson (1985). *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil 1930/1970*. São Paulo, Global. tab. 5 e 30.

Exportações: Tabela 7.

NOTA: Os valores reais foram calculados pelo Deflator Implícito do PIB.

Tabela 9

Valor nominal das exportações do Rio Grande do Sul e sua distribuição percentual de acordo com o grupo de produtos e o setor de atividades — 1920-1950

GRUPOS DE PRODUTOS E SETORES DE ORIGEM	VALORES (Cr\$)				PERCENTAGENS			
	1920	1930	1940	1950	1920	1930	1940	1950
Couro e peles em bruto	15 965	42 549	72 460	153 081	8,1	8,4	7,0	2,5
Produtos de matadouro e caça	63 057	159 092	314 405	728 939	31,9	31,3	30,5	12,1
Couro e peles preparados	1 585	1 117	15 554	163 661	0,8	0,2	1,5	2,7
Corpos graxos	7 171	11 494	16 632	51 674	3,6	2,3	1,6	0,9
Animais vivos	3 164	1 095	1 038	25 569	1,6	0,2	0,1	0,4
Animais não classificados (1)	35 169	86 456	61 110	451 076	17,8	17,0	5,9	7,5
Lã e outros têxteis de origem animal	6 886	17 464	69 406	549 551	3,5	3,4	6,7	9,1
Outras matérias-primas de origem vegetal	472	885	16 413	203 784	0,2	0,2	1,6	3,4
Vegetais próprios para medicina, indústria e outros usos	7 419	25 545	53 758	294 033	3,7	5,0	5,2	4,9
Madeiras	1 795	10 527	16 700	337 241	0,9	2,1	1,6	5,6
Cereais, hortaliças, legumes e seus produtos	28 062	78 793	158 083	1 125 710	14,2	15,5	15,4	18,7
Forragem e produtos para animais	1 448	2 129	6 651	33 014	0,7	0,4	0,6	0,5
Outros produtos vegetais (2)	8 055	17 608	31 753	158 616	4,1	3,5	3,1	2,6
Agropecuária e extrativa vegetal	180 248	454 754	833 963	4 275 949	91,1	89,6	81,0	71,0
Manufaturados têxteis de origem animal	186	6 908	14 822	172 734	0,1	1,4	1,4	2,9
Manufaturados de peles e couros	1 680	6 158	23 869	247 262	0,8	1,2	2,3	4,1
Bebidas	2 090	11 368	34 777	246 405	1,1	2,2	3,4	4,1
Manufaturados de madeiras	270	1 219	4 348	44 777	0,1	0,2	0,4	0,7
Manufaturados de algodão	316	499	4 625	48 744	0,2	0,1	0,4	0,8
Manufaturados de partes de vegetais (3)	1 559	1 947	2 116	99 837	0,8	0,4	0,2	1,7
Papéis	17	19	1 500	21 725	0,0	0,0	0,1	0,4
Vários artigos (4)	5 325	6 414	26 299	147 838	2,7	1,3	2,6	2,5
Combustíveis, óleos, etc.	203	663	12 688	27 327	0,1	0,1	1,2	0,5
Manufaturados de ferro, aço e suas ligas	1 880	2 561	21 830	84 307	1,0	0,5	2,1	1,4
Outras máquinas e aparelhos não classificados	214	1 239	2 835	55 241	0,1	0,2	0,3	0,9
Outros (manufaturados de origem mineral)	189	448	4 923	51 031	0,1	0,1	0,5	0,8
Indústria	13 929	39 443	154 632	1 247 228	7,0	7,8	15,0	20,7
Outros	3 668	13 775	41 233	501 591	1,9	2,7	4,0	8,3
TOTAL GERAL	197 845	507 972	1 029 828	6 024 768	100,0	100,0	100,0	100,0

FONTE: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA EXPORTAÇÃO 1920-41, 1947-50, 1953-55 (1942, 1951, 1958). Porto Alegre, DEE.

(1) Inclui banha suína refinada. (2) Inclui cebola, batata e erva-mate. (3) Inclui artefatos de borrachas. (4) Inclui produtos de lã, algodão e seda usados na indústria de tecelagem.

Tabela 10

Valor das exportações do Rio Grande do Sul para o mercado interno, por setores, grupos e gêneros, a preços correntes — 1969 e 1974

DISCRIMINAÇÃO	1969			1974		
	Valores Nominais das Exportações Internas (Cr\$)	% das Exportações Internas Totais	% das Exportações Industriais Internas	Valores Nominais das Exportações Internas (Cr\$)	% das Exportações Internas Totais	% das Exportações Industriais Internas
Pecuária e derivados	92 772 432	3,6	4,0	74 452 549	0,4	0,5
Lavoura	78 315 627	3,0	3,4	1 539 593 026	8,1	9,4
Extrativa mineral	6 507 783	0,3	0,3	45 603 838	0,2	0,3
Extrativa vegetal	62 006 052	2,4	2,7	234 466 418	1,2	1,4
Agropecuária e extrativa	239 601 894	9,2	10,4	1 894 115 831	10,0	11,6
Alimentar	693 005 572	26,7	30,0	3 956 396 475	20,9	24,2
Bebidas	117 213 171	4,5	5,1	595 444 716	3,1	3,6
Farmacêutica	13 445 642	0,5	0,6	52 954 315	0,3	0,3
Fumo	124 134 893	4,8	5,4	1 207 543 205	6,4	7,4
Gráfica	4 836 201	0,2	0,2	30 354 929	0,2	0,2
Mobiliário	16 111 003	0,6	0,7	233 523 628	1,2	1,4
Perfumaria	10 816 088	0,4	0,5	71 612 548	0,4	0,4
Têxtil	69 791 599	2,7	3,0	338 510 019	1,8	2,1
Vestuário	314 125 818	12,1	13,6	1 369 003 176	7,2	8,4
Grupo I	1 363 479 987	52,6	59,0	7 855 343 011	41,5	48,0
Borracha	13 219 458	0,5	0,6	133 436 119	0,7	0,8
Couros e peles	69 859 858	2,7	3,0	385 344 932	2,0	2,4
Madeira	43 020 848	1,7	1,9	506 079 069	2,7	3,1
Materiais plásticos	7 354 914	0,3	0,3	61 360 562	0,3	0,4
Metalúrgica	254 807 856	9,8	11,0	1 892 116 336	10,0	11,6
Minerais não-metálicos	15 623 300	0,6	0,7	150 096 196	0,8	0,9
Papel e papelão	10 396 180	0,4	0,4	135 446 847	0,7	0,8
Química A (1)	76 748 410	3,0	3,3	494 140 994	2,6	3,0
Química B (2)	121 903 278	4,7	5,3	1 277 267 395	6,7	7,8
Grupo II	612 934 102	23,6	26,5	5 035 288 450	26,6	30,8
Elétrica	89 840 199	3,5	3,9	764 515 883	4,0	4,7
Material de transporte	92 557 908	3,6	4,0	820 740 378	4,3	5,0
Mecânica	100 444 724	3,9	4,3	1 591 646 275	8,4	9,7
Diversos	51 220 857	2,0	2,2	307 203 795	1,6	1,9
Grupo III	334 063 688	12,9	14,5	3 484 106 331	18,4	21,3
Indústria	2 310 477 777	89,1	100,0	16 374 737 792	86,5	100,0
Difundidos (não especificados)	44 013 754	1,7	1,9	655 810 463	3,5	4,0
TOTAL	2 594 093 425	100,0	112,3	18 924 664 086	100,0	115,6

FONTE: Ministério da Fazenda.

(1) O gênero **química A** contém: óleos; gorduras; graxas; derivados de origens animal e vegetal; forragens e produtos alimentícios para animais, inclusive cereais não moidos; produtos químicos orgânicos; preparações farmacêuticas e medicinais; extratos curtientes e corantes; materiais para curtume e pintura; tintas; matérias plásticas artificiais e resinas sintéticas; óleos essenciais; produtos aromáticos naturais e artificiais; perfumarias; e produtos diversos. (2) O gênero **química B** contém: combustíveis; lubrificantes; óleos naturais e seus produtos; elementos e produtos químicos inorgânicos; produtos químicos orgânicos; preparações farmacêuticas e medicinais; extratos curtientes e corantes; materiais para curtume e pintura; tintas; óleos essenciais e produtos aromáticos naturais e artificiais; perfumarias; adubos manufaturados; matérias plásticas artificiais; resinas sintéticas; e produtos diversos.

Tabela 11

Valor das exportações do Rio Grande do Sul para o mercado externo, por setores, grupos e gêneros, a preços correntes — 1969-1979

DISCRIMINAÇÃO	1969			1974			1979		
	Valores Nominais (Cr\$)	% das Exportações		Valores Nominais (Cr\$)	% das Exportações		Valores Nominais (Cr\$)	% das Exportações	
		Totais= =100	Industriais= =100		Totais= =100	Industriais= =100		Totais= =100	Industriais= =100
Extrativa vegetal	29 330 417	3,6	5,2	314 010 013	5,3	10,7	3 622 068 518	9,2	11,0
Extrativa mineral	2 799 083	0,3	0,5	37 095 157	0,6	1,3	200 580 255	0,5	0,6
Lavoura	123 847 504	15,4	21,8	2 464 867 696	41,4	83,9	1 995 609 952	5,0	6,1
Pecuária e derivados	76 773 603	9,5	13,5	166 944 520	2,8	5,7	106 930 835	0,3	0,3
Agropecuária e extrativa	232 750 607	28,9	41,0	2 982 917 386	50,1	101,6	5 925 189 560	15,0	18,0
Alimentar	227 938 313	28,3	40,2	603 595 755	10,1	20,6	2 389 311 039	6,0	7,2
Bebidas	124 525	0,0	0,0	1 645 187	0,0	0,1	72 763 161	0,2	0,2
Farmacêutica	133 383	0,0	0,0	586 641	0,0	0,0	1 836 837	0,0	0,0
Fumo (I)	-	0,0	0,0	21 249 084	0,4	0,7	76 266 406	0,2	0,2
Gráfica	56 296	0,0	0,0	66 747	0,0	0,0	2 364 732	0,0	0,0
Mobiliário	11 705	0,0	0,0	4 379 177	0,1	0,1	105 123 018	0,3	0,3
Perfumaria	42 382	0,0	0,0	14 989	0,0	0,0	2 614 140	0,0	0,0
Têxtil	44 879 708	5,6	7,9	99 226 330	1,7	3,4	821 011 096	2,1	2,5
Vestuário	1 668 420	0,2	0,3	604 083 321	10,1	20,6	7 625 167 126	19,3	23,1
Grupo I	274 854 732	34,2	48,4	1 334 847 231	22,4	45,4	11 096 457 555	28,1	33,6
Borracha	2 055 330	0,3	0,4	1 687 794	0,0	0,1	230 616 391	0,6	0,7
Couro e peles	14 333 814	1,8	2,5	94 986 787	1,6	3,2	1 309 871 617	3,3	4,0
Madeira	110 368 545	13,7	19,4	91 668 398	1,5	3,1	626 887 673	1,6	1,9
Materiais plásticos	10 137	0,0	0,0	2 341 732	0,0	0,1	26 721 390	0,1	0,1
Metalúrgica	17 433 290	2,2	3,1	95 601 780	1,6	3,3	1 601 770 185	4,1	4,9
Minerais não-metálicos	19 982 572	2,5	3,5	3 557 865	0,1	0,1	171 981 845	0,4	0,5
Papel e papelão	1 812 495	0,2	0,3	96 236 722	1,6	3,3	259 108 061	0,7	0,8
Química A (2)	94 214 936	11,7	16,6	1 048 573 638	17,6	35,7	14 979 597 238	37,9	45,4
Química B (3)	1 846 836	0,2	0,3	8 529 492	0,1	0,3	193 409 237	0,5	0,6
Grupo II	262 057 955	32,6	46,2	1 443 184 208	24,2	49,1	19 399 963 637	49,1	58,8
Elétrica	8 691 640	1,1	1,5	35 975 011	0,6	1,2	387 714 205	1,0	1,2
Material de transporte	1 976 658	0,2	0,3	23 162 971	0,4	0,8	1 128 556 233	2,9	3,4
Mecânica	18 713 998	2,3	3,3	82 618 913	1,4	2,8	786 675 289	2,0	2,4
Diversos	1 328 639	0,2	0,2	17 222 767	0,3	0,6	181 764 946	0,5	0,6
Grupo III	30 710 935	3,8	5,4	158 979 662	2,7	5,4	2 484 710 673	6,3	7,5
Indústria	567 623 622	70,6	100,0	2 937 011 101	49,3	100,0	32 981 151 865	83,4	100,0
Difundidos (não especificados)	4 182 438	0,5	0,7	35 654 451	0,6	1,2	631 635 336	1,6	1,9
TOTAL	804 556 667	100,0	141,7	5 955 582 938	100,0	202,8	39 537 956 761	100,0	119,9

FONTE: Ministério da Fazenda.

(1) O gênero fumo, no ano de 1969, está incluído no gênero diversos. (2) O gênero **química A** contém: óleos; gorduras; graxas; derivados de origens animal e vegetal; forragens e produtos alimentícios para animais, exclusive cereais não moídos; produtos químicos orgânicos; preparações farmacêuticas e medicinais; extratos curtientes e corantes; materiais para curtume e pintura; tintas; matérias plásticas artificiais e resinas sintéticas; óleos essenciais; produtos aromáticos naturais e artificiais; perfumarias; e produtos diversos. (3) O gênero **química B** contém: combustíveis; lubrificantes; óleos naturais e seus produtos; elementos e produtos químicos inorgânicos; produtos químicos orgânicos; preparações farmacêuticas e medicinais; extratos curtientes e corantes; materiais para curtume e pintura; tintas; óleos essenciais e produtos aromáticos naturais e artificiais; perfumarias; adubos manufaturados; matérias plásticas artificiais; resinas sintéticas; e produtos diversos.

Tabela 12

Valor das exportações totais do Rio Grande do Sul, por setores, grupos e gêneros,
a preços correntes — 1969 e 1974

DISCRIMINAÇÃO	1969			1974		
	Valores Nominais	% das Exportações		Valores Nominais	% das Exportações	
	(Cr\$)	Totais= =100	Industriais= =100	(Cr\$)	Totais= =100	Industriais= =100
Pecuária e derivados	122 102 849	3,6	4,2	388 462 562	1,6	2,0
Lavoura	81 114 710	2,4	2,8	1 576 688 183	6,3	8,2
Extrativa mineral	130 355 287	3,8	4,5	2 510 471 534	10,1	13,0
Extrativa vegetal	138 779 655	4,1	4,8	401 410 938	1,6	2,1
Agropecuária e extrativa	472 352 501	13,9	16,4	4 877 033 217	19,6	25,3
Alimentar	920 943 885	27,1	32,0	4 559 992 230	18,3	23,6
Bebidas	117 337 696	3,5	4,1	597 089 903	2,4	3,1
Farmacêutica	13 579 025	0,4	0,5	53 540 956	0,2	0,3
Fumo	124 134 893	3,7	4,3	1 228 792 289	4,9	6,4
Gráfica	4 892 497	0,1	0,2	30 421 676	0,1	0,2
Mobiliário	16 122 708	0,5	0,6	237 902 805	1,0	1,2
Perfumaria	10 858 470	0,3	0,4	71 627 537	0,3	0,4
Têxtil	114 671 307	3,4	4,0	437 736 349	1,8	2,3
Vestuário	315 794 238	9,3	11,0	1 973 086 497	7,9	10,2
Grupo I	1 638 334 719	48,2	56,9	9 190 190 242	36,9	47,6
Borracha	15 274 788	0,4	0,5	135 123 913	0,5	0,7
Couros e peles	84 193 672	2,5	2,9	480 331 719	1,9	2,5
Madeira	153 389 393	4,5	5,3	597 747 467	2,4	3,1
Materiais plásticos	7 365 051	0,2	0,3	63 702 294	0,3	0,3
Metalúrgica	272 241 146	8,0	9,5	1 987 718 116	8,0	10,3
Minerais não-metálicos	35 605 872	1,0	1,2	153 654 061	0,6	0,8
Papel e papelão	12 208 675	0,4	0,4	231 683 569	0,9	1,2
Química A (1)	170 963 346	5,0	5,9	1 542 714 632	6,2	8,0
Química B (2)	123 750 114	3,6	4,3	1 285 796 887	5,2	6,7
Grupo II	874 992 057	25,7	30,4	6 478 472 658	26,0	33,5
Elétrica	98 531 839	2,9	3,4	800 490 894	3,2	4,1
Material de transporte	94 534 566	2,8	3,3	843 903 349	3,4	4,4
Mecânica	119 158 722	3,5	4,1	1 674 265 188	6,7	8,7
Diversos	52 549 496	1,5	1,8	324 426 562	1,3	1,7
Grupo III	364 774 623	10,7	12,7	3 643 085 993	14,6	18,9
Indústria	2 878 101 399	84,7	100,0	19 311 748 893	77,6	100,0
Difundidos (não especificados)	48 196 192	1,4	1,7	691 464 914	2,8	3,6
TOTAL	3 398 650 092	100,0	118,1	24 880 247 024	100,0	128,8

FONTE: Ministério da Fazenda.

(1) O gênero **química A** contém: óleos; gorduras; graxas; derivados de origens animal e vegetal; forragens e produtos alimentícios para animais, exclusive cereais não moídos; produtos químicos orgânicos; preparações farmacêuticas e medicinais; extratos curtientes e corantes; materiais para curtume e pintura; tintas; matérias plásticas artificiais e resinas sintéticas; óleos essenciais; produtos aromáticos naturais e artificiais; perfumarias; e produtos diversos. (2) O gênero **química B** contém: combustíveis; lubrificantes; óleos naturais e seus produtos; elementos e produtos químicos inorgânicos; produtos químicos orgânicos; preparações farmacêuticas e medicinais; extratos curtientes e corantes; materiais para curtume e pintura; tintas; óleos essenciais e produtos aromáticos naturais e artificiais; perfumarias; adubos manufaturados; matérias plásticas artificiais; resinas sintéticas; e produtos diversos.

Tabela 13

Estrutura industrial do Rio Grande do Sul — 1919-1975

	(%)					
INDÚSTRIAS	1919	1939	1949	1959	1970	1975 (1)
Grupo I (2)	78,59	70,34	64,34	57,22	47,85	37,91
Grupo II (3)	20,89	26,88	31,73	36,12	36,54	39,79
Grupo III (4)	0,52	2,78	3,93	6,66	15,61	22,30
TOTAL	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: 1919 a 1970 — CANO, Wilson (1985). **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil 1930/1970**. São Paulo, Global.

1975 — CENSO INDUSTRIAL 1975: Rio Grande do Sul (1980) — Rio de Janeiro, IBGE.

(1) Os dados de 1975 não foram compatibilizados com os dados dos demais Censos. (2) Grupo I — indústrias predominantemente produtoras de bens de consumo não durável, agrupando os ramos: mobiliário; farmacêutico; perfumaria; têxtil; vestuário; produtos alimentares, bebidas, fumo; e editorial e gráfica. (3) Grupo II — indústrias predominantemente produtoras de bens intermediários, contendo os ramos: metalúrgica; minerais não-metálicos; madeira; papel e papelão; borracha; couros e peles; química; e matérias plásticas. (4) Grupo III — indústrias predominantemente produtoras de bens de capital e de consumo durável, englobando os ramos: mecânica; material elétrico e de comunicações; material de transporte; e diversas.

Bibliografia

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA EXPORTAÇÃO 1920-41 (1942). Porto Alegre, DEE.

___ 1947-50 (1951). Porto Alegre, DEE.

___ 1953-55 (1958). Porto Alegre, DEE.

CANO, Wilson (1985). **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil 1930/1970**. São Paulo, Global.

CENSO INDUSTRIAL 1975: Rio Grande do Sul (1980). Rio de Janeiro, IBGE.

DOMINGUES, Hercílio (1929). **Notas sobre a evolução econômica do Rio Grande do Sul**: estudo do comércio de exportação riograndense. Porto Alegre, Globo. v.1.

INDICADORES ECONÔMICOS RS (1977). Porto Alegre, FEE, v.5, n.1, jan./jun.

MELLO, J.M.C. (1984). **O capitalismo tardio**. São Paulo, Brasiliense.

Abstract

This article presents an analysis of the available data on Rio Grande do Sul exports both to the other regions of the country as well as to abroad during the period from 1930 to 1974. Paying special attention to internal exports the author intends to describe the influence they have had over industrial production in Rio Grande do Sul in the context of the market integration and expansion processes.